

FON FON

Publica neste número

CONTOS

NOVELAS

ROMANCE
HISTÓRICO

MODAS

RISCOS E BORDADOS

CINEMA

RÁDIO

TEATRO

CRÍTICA DE ARTE

CRÍTICA DE LIVROS

NOTAS SOCIAIS

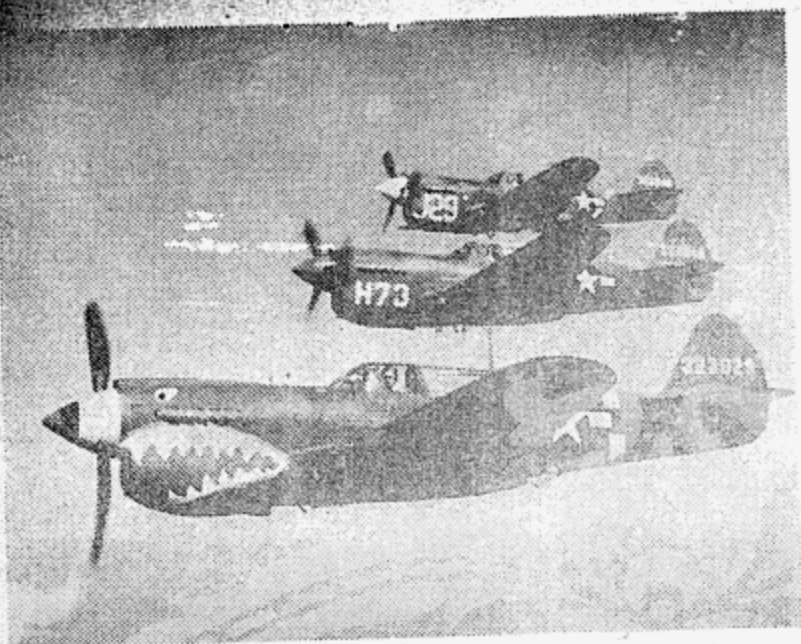
VARIEDADES

UM SUPLEMENTO
COM OS MOLDES DO
FIGURINO AO LADO
APRESENTADO POR
JOYCE REYNOLDS

EM TODO
e Cr. \$1,50
O BRASIL

REVISTA
FUNDADA EM 1907
UM PADRÃO DE ÉTICA





AVIADORES BRASILEIROS

— Uma esquadilha de aviões de combates tripulada por pessoal brasileiro fazendo manobras sobre uma base aérea dos Estados Unidos. Os aviadores brasileiros formam parte de uma secção que partirá em breve para as frentes de combate. Atualmente eles estão terminando sua preparação, com instrutores norte-americanos que se distinguiram por seus feitos em lutas nos céus da Europa. (Foto da Inter-Americana).

Novidades de Hollywood

"**BELLE OF THE YUKON**" é o primeiro filme em que aparecerá Gypsy Rose Lee no seu contrato de cinco anos com a International. Gypsy, durante anos, "A Rainha das Strip-teasers", resolveu dedicar-se inteiramente ao Cinema. Apesar de ter sido há alguns anos, contratada da TCFOX, onde apareceu em vários filmes, Gypsy só agora é que considera o princípio da sua carreira no cinema. Tendo já publicado livros de grande sucesso, entre eles, o célebre "The G-string murders", adaptado à tela no filme "A Morte dirige o espetáculo", Gypsy tem assegurado o seu sucesso no cinema. "Belle of the Yukon" é um deslumbrante technicolor que apresenta além de Ran-

dolph Scott, Dinah Shore e Bob Burns, lindíssimas músicas de autoria de Jemy Van Heusen e Johnny Burke.

ROBERT Fellows é o produtor do magnífico espetáculo **RKO RADIO**, "Inferno Pacífico" (Marine raiders), um filme em extremo emocionante, que reúne Pat O'Brien, Robert Ryan e Ruth Hussey. Esta é uma magnífica produção para a próxima temporada 1945-46.

FRANK Sinatra, o "crooner" n° 1, aparecerá muito brevemente na esplêndida produção de Robert Fellows, "Step Lively", um magnífico musical que recebeu a direção de Tim Whelan e interpretação de George Murphy, Adolphe Menjou, Gloria De Haven, Anne Joffreys, Eugene Pallette. "Step Lively" é um filme alegre, repleto de cenas cômicas de grande efeito e com um esplêndido "score" musical, contendo 7 canções, das quais cinco são contadas pelo admirável "crooner"!

OS FERIDOS — Soldados do Corpo de saúde do exército norte-americano ministram aeroplasmato a um combatente ferido na Normandia. No segundo plano vê-se outro ferido, que espera a sua vez. (Foto da Inter-Americana)



FON FON

*A Revista
feita para
o Lar*

ANO XXXVIII

NUMERO 2

Rio de Janeiro

13 de Janeiro de 1945

Diretor: SERGIO SILVA

Direção, Redação e
Officinas:

RUA DA ASSEMBLÉIA, 62

Tel.: Diretor: 22-0377

Gerência e Publicidade:
22-4136

Caixa Postal, 97

End. telegr.: FON-FON
Rio de Janeiro

SUCURSAL EM
SÃO PAULO

Diretor: Werther Farinello

Rua São Bento, 220

8.º andar

Telefone 2-1512

Caixa Postal 386

End. Telegráfico: Farinello

Toda a correspondência
deve ser dirigida à

COMPANHIA EDITORA
FON-FON E SELETA

Representantes na Europa:
Comptoir International de
Publicité International de
Publicité (Gargon & C.
Lavindrey) Rue Tronchet,
9 — France — Paris VIII,
Ludgate Hill. Londres.

Venda avulsa . . Cr\$ 1,50

Número atrasado Cr\$ 2,00

Número atrasado
pelo Correio . . Cr\$ 2,50

PREÇOS DAS
ASSINATURAS EM TODO
O BRASIL
(Porte simples)

Ano (52 ns.) Cr\$ 70,00

Semestre (26 ») Cr\$ 36,00
(Registrada)

Ano (52 ns.) Cr\$ 96,00

Semestre (26 ») Cr\$ 50,00

As assinaturas terminam e
começam em qualquer mês.



ESTOU só. Penso no meu destino. No meu destino de idealista e sonhador insatisfeito. Olho a noite de luar magoado dissolvendo-se, melancolicamente, sobre a agonia do ano que morre... Vinte e três horas e trinta minutos. As luzes da rua apagam o brilho das estrelas, nesta desolada noite de São Silvestre, em que meu pensamento percorre os caminhos invisíveis do desalento para libertar-se da sua própria inquietação. Recorta-se no céu sombrio o perfil da serra que marca o limite deste bairro tranquilo aonde não chegam os ecos desesperados dos que se divertem nos *reveillons* da cidade. Há uma silenciosa tristeza na solidão que me envolve...

Fim de 1944. Este pobre e atormentado ano, que já não tem as graças dos homens, porque envelheceu e morre abandonado de todos, é, agora, apenas, um motivo de recordação e talvez de saudade para alguns.

Descerrando a cortina do passado, desse passado de doze meses, que começou em janeiro e termina neste amargo trinta e um de dezembro, vejo as sombras de todos os desenganos desfilando através dos corações que sofrem... A guerra submeteu o nosso amado Brasil a provações dolorosas com o sacrifício de vidas jovens que tombaram nos campos de batalha defendendo os augustos princípios da liberdade, da civilização e do amor à Pátria. Muitas vitórias, entretanto, conquistaram os nossos soldados na terra européia enfrentando as hostes desvairadas dos bárbaros. Vitórias que nos confortam e nos orgulham quando sentimos, na sua

Minha noite de Ano-Bom...

gloriosa repercussão, o entusiasmo e o valor da alma brasileira homenageando o heroísmo e a bravura dos nossos compatriotas que lutam, intremulamente, ao lado dos soldados das Nações Unidas para derrotar o fanatismo hitlerista.

1944 não trouxe o fim da guerra. Não nos trouxe a paz tão desejada pelos homens de boa vontade. A paz que a Alemanha varreu da face da terra. Deixou-nos, porém, a certeza do grande triunfo, que está próximo, e o consolo, que nos acompanha, da suprema esperança de um mundo melhor, cheio de bondade e de perdão. De um mundo tecido nas vibrações sentimentais de todos os que amam e compreendem o amor...

Quanto a mim, se tive desilusões neste ano que morre levando os vestígios de muitas angústias e de muitos desesperos, também senti emoções fascinadoras, que me compensaram das amarguras das horas infelizes. Emoções que vieram, piedosamente, docemente, até este instante final de 1944.

Rolaram os meses... Maio... Junho... Julho... Dezembro... A vida subiu e desceu os degraus da fatalidade. O sofrimento alternou-se, no meu destino, com as doçuras de alegrias inesperadas, que me confortaram, que me enterneceram, que me renovaram...

Assim, não me foi tão adverso este 1944. Devo-lhe alguma coisa que não esquecerei. Devo-lhe a minha ilusão e a minha esperança...

M A R T I N S C A P I S T R A N O

Uma vida como um sonho

Conto de GURGEL FILHO.



ARRID EVITA MANCHAS E ODOR NAS AXILAS
SEM IRRITAR A PELE

Arrid lhe oferece uma proteção dupla contra o odor desagradável do suor. Protege você contra o mau odor e a sua roupa, contra as manchas. Arrid é um desodorante de delicada fragrância, com a fina consistência de um creme de beleza. Desaparece instantaneamente pelos poros... produzindo efeito imediato. Com Arrid você pode ficar completamente despreocupada, e divertir-se à vontade, onde quer que seja — sem levar em conta o calor. Proteja sua beleza e encanto com Arrid... comece a usá-lo hoje mesmo. Extremamente econômico: Preço Cr.\$ 4,80 — Pote grande: Cr.\$ 9,50.



DENISE ainda era mais bonita do que o nome. E começara a amar. Percebia tudo agora, divertida e meio apreensiva, pois esse sentimento a perturbava um pouco e lhe dava a impressão de qualquer coisa ilícita. Seria absolutamente impossível confessar que se apaixonara aos quatorze anos e a suposição mesma de que descobrissem o seu segredo enchia-a de temor e determinava as maiores precauções. Efetivamente, ela se sentia tão feliz e contente, tão excessivamente radiante às vezes, que se atemorizava com uma punição imprevista. Naturalmente que essa felicidade não podia ser gratuita e numa circunstância qualquer um fato sobreviria ainda, desmanchando o enlelo e cobrando o seu preço, um preço enorme.

Mas ela não verificou tudo isso senão nesse instante. Na orla da praia, luminosa e branca, estava sentada numa jangada, numa jangada ancorada em terra. O mar não tinha nada de impetuoso; parecia até domesticado, como se brincasse com ela, pois muito mansamente vinha vindo, vinha chegando, timidamente, até a seus pés. Uma onda se aproximou; era enorme, mas começou a diminuir; já perdera quase todo o ímpeto; agora realizava um verdadeiro esforço para chegar até perto, e se não fôra, oh! se não fôra aquela outra onda que a cortou transversalmente, na certa que teria chegado. Agora desapareceu de todo e só restava um desenho caprichoso de espumas que diminuía muito rapidamente.

Denise não sabia se todas as pessoas começavam a amar assim porque a sua vez sobreviera um tanto comicamente. Não gostava nem mesmo de se lembrar porque quase sempre uma onda de indignação ainda fazia com que ela corasse intensamente. Ia pensando Deus sabia em que coisa, talvez mesmo absolutamente despreocupada, quando ouviu aquela voz:

— Menina, a taboada cafu!

Automaticamente, virou-se, procurando o que, com certeza, se saltara, quando percebeu pelo côro que outras risadas faziam, que não se tratava senão de uma blague de colegiais.

Inteiramente desconcertada, quasi paralisada, não pensava senão em fugir, esconder-se, livrar-se das

queelas vistas, quando percebeu que "ele" caminhava a seu lado, sinceramente penalizado, e pedia desculpas pela grosseria de seus amigos. E o que não podia esquecer em nenhum momento, era aquela sua maneira simples e natural de falar, como se não se importasse com coisa alguma, mesmo diante de todo mundo, como se fôra a coisa mais natural possível, enquanto ela ficara absolutamente angustiada, sem poder mesmo articular uma palavra. E como era tão decidido quando vinha ao seu encontro, nas outras vezes, quando ela tinha sempre a impressão de que o mundo se abateria sobre eles por um pecado tão grande, pela culpa imperdoável de duas pessoas que se amavam. Ia depois analisando todos os aspectos particulares de Donatelo, não sabendo mesmo o que mais lhe agradasse em toda a pessoa e se se interrogava intimamente respondia, inteiramente convencida, que, se tivesse de escolher entre todos os outros, seria ele na certa, o eleito. Não era mesmo possível mais nenhum dúvida: ela nascera para ele.

Mas Denise era encantadoramente menina e quando uma onda a acordou do devaneio, ela riu livremente, muito feliz, quasi em êxtase. Não podia mesmo imaginar como estivera pensando e inativa por tanto tempo. Na praia larga, junto do mar indizivelmente azul, perto do morro de Tibau, com as suas dunas onduladas e das mais variadas cores que lhe dão um aspecto único do mundo, só igual a uma faixa de arco-iris, um bando de gaivotas chegou, parou e começou a revoltear numa alegria incontida, insofreável. Insensivelmente, ela se levantou e começou a dançar. Era tão simples, tão singela, tão deliciosa em seus movimentos, que não parecia senão mais uma gaivota, uma partícula mais do cenário, inteiramente integrada na natureza. E por minutos continuou dançando, rindo, em movimentos tão ritmados, que parecia um violino cantante, na presença do mar paternal.

Dansaria talvez muito tempo, mesmo eternamente, se a azáfama dos pescadores retirando as redes, no tresmalho, não a tivesse advertido que estava pecando, do inedi-

(Continúa na pág. 6).



Novo e Moderno

Leite de Beleza LaLaque

Base para o "Make-Up" à Hollywood

Para aplicação no Rosto, Colo, Braços e PERNAS

LALAUQUE apresenta o seu novo e moderno Leite de Beleza — base indispensável para um "Make-Up" perfeito; — não engordura nem resseca a pele, devendo ser aplicado leve e uniformemente

com uma pequena esponja ou mecha de algodão. Esta aplicação, que se mantém inalterável por longas horas, deve ser feita sempre de cima para baixo e nunca em sentido contrário, ou circular.

Leite de Beleza LALAUQUE



Nas cores:

- ★ Clara
- ★ Morena
- ★ Ocre
- ★ Bronzeada
- ★ Praiamar
- ★ Hawaiana



A VENDA EM TODO O BRASIL



O efeito da Loção Brilhante será imediato. Seus cabelos se tornarão naturalmente ondulados, vigorosos e luzidios. O couro cabeludo ficará limpo, livre de caspa e da seborrheia. A experiência custa pouco, e vale a pena fazê-la.

Loção Brilhante

**ZUMBIDO!
DOR DE OUVIDO!**

AUDIOTAPES
GRANADO

**ELIMINA A DOR E
EVITA COMPLICAÇÕES
NO CONDUITO
AUDITIVO**

tismo como estava se portando, de sua cena.

Também porque o recolhimento do tresmalho era uma das diversões no dia dos veranistas, em Tibau.

Denise já se atemorizava de que ele não viesse, quando já havia tanta gente presente; olhava para as descidas do morro, perscrutava os longes, quase indignada, quando o seu sangue foi se alarmando, fervendo naquela sensação que sempre sentia quando Donatelo se aproximava. Mas agora se indignou por outro motivo: porque aquela sensação, apesar de maravilhosa, era ao mesmo tempo assestada e dolorosa. Podia mesmo trair de um momento para outro. E nem era bom pensar nos comentários que teria de ouvir das amigas, os olhares de simpatia e compreensão das mais velhas.

Portanto, para vingar-se, resolveu que hoje nem ao menos olharia para Donatelo.

Ficou em seguida de cenho franzido, deliciosamente embuçada, sem dar mesmo pela presença de "ninguém". Sim, porque aquilo não podia continuar.

Mas ela olharia só uma vez, uma vez mesmo, só mesmo para verificar como ele estava. E lentamente foi se virando, arriscando um olho até que o percebeu.

Mas como estava indiferente o maroto, todo embebido no serviço dos pescadores, sem olhar para ela! Naturalmente que o desencorajara, mas o comportamento dele era imperdoável. E, num misto de angústia e indignação, já pensava em receber explicações muito satisfatórias. Não se entregaria mesmo por qualquer coisa e verificando agora que Donatelo continuava no outro mundo, encheu-se de apreensão; não sabia mesmo mais o que fazer.

Em movimentos surdos e compassados, mudos e automáticos, os

pescadores continuavam no trabalho de recolhimento das redes. Também estavam quasi no fim, e no semi-círculo de cordas que se desenhava boiando no mar, de quando em quando brilhava o reflexo prateado de um peixe apressado que saltava, sôfrego e atemorizado. Em volta o brouhaha e vozerio do povo, que fazia comentários, dava opiniões sobre os resultados da pesca.

podia esquecer que Donatelo não... Mas Denise, sim, Denise não a olhara e não saberia mesmo que resolução tomar se... Mas ele estava ali bem perto, interrogando-a com os olhos, com a boca, por todos meios, quasi numa prece, suplicando-lhe.

Muito outra, agora inteiramente tranqüilizada. Denise pensou que ela não cederia assim por tão pouco; não; tinha todos os motivos justos para mostrar-se implacável hoje.

Muito confiante em sua superioridade, ensaiava agora uma enorme indiferença, mesmo um desprezo muito grande, não só por Donatelo, mas também por muitas gerações de Donatelos.

Contudo, não foi senão um ensaio. Em volta, os pescadores separavam os peixes, classificando-os e jogando-os a distancias, na praia. Denise, num relance, viu que um prafreiro agarrava um peixe viscoso e repugnante e, inadvertidamente, o atirava na direção de Donatelo; e, verificando que ele, distraído, não notara, num ímpeto de angústia irreprimível e espontânea gritou tão afritivamente que todos se voltaram e... perceberam.

Denise sentiu que se tornava imponderável e caíra no vácuo. Viou então por muitos planetas, alucinadamente, vertiginosamente; e, quando retornou, verificou que estava abraçada a Donatelo. Muitas pessoas riam e outras a beijavam... E ela começou a chorar...

NOVIDADES DE HOLLYWOOD

Da "Paramount" — Ray Milland tem no filme "Ministry of Fear", sobre espionagem, um dos seus mais justos triunfos. Seu trabalho foi premiado pela "Paramount" com um novo contrato por sete anos, perfazendo o total de dezesseis o número de anos que está a serviço da mesma produtora constituindo um "record" entre os primeiros astros da tela: "Ministry of Fear" é a 43ª película em que trabalha desde que chegou a Hollywood procedente da Inglaterra.

Marjorie Reynaldo, "Cinderela" de Hollywood, tem neste filme motivo para nova ascensão na sua carreira artística.

ANNE Shirley, uma esplêndida intérprete, celebrou o seu 25º aniversário e o seu 21º ano no cinema, no "set" da deliciosa produção musicada na RKO, "Music in Manhattan", que tem nos principais papéis masculinos, Philip Terry e o "crooner" Dennis Day.

MAIS ABSORVENTE QUE O ALGODÃO!

- é esta apenas uma das vantagens de MODESS!

Feito de material mais absorvente que o algodão, protegido na parte externa por uma camada impermeável, Modess é a proteção de que Você precisa, para se pôr ao abrigo de situações embaraçosas.

Higiênicos, macios e discretos, os absorventes Modess, - adaptando-se perfeitamente às linhas do corpo, - são invisíveis, mesmo sob os vestidos mais justos.

Evite os métodos antiquados e anti-higiênicos, que põem em risco sua saúde e lhe roubam a liberdade. Experimente os absorventes Modess. Em qualquer farmácia ou loja de artigos femininos, basta pedir - Modess.



Para maior conforto use
também CINTOS MODESS

PRODUTO DA JOHNSON & JOHNSON



AMOSTRA GRÁTIS: Envie-nos Cr.\$ 1,00
para receber uma caixa contendo 2 amostras
e o livrinho "O Que A Mulher Moderna Deve
Saber". - Caixa Postal 2838 - São Paulo.
4-qqq-136

NOME.....

RUA.....

CIDADE..... ESTADO.....

J. W. T.

PÉS DORIDOS?

muitas vezes uma consequência de

ARCOS DÉBEIS

Dôres nos pés ou nas pernas semelhantes às reumáticas ou artríticas; pés cansados e doídos, fadiga, dores nos calcanhares e calosidades são frequentemente causados por arcos débéis. Os Suportes de Arco DR. SCHOLL e exercícios apropriados aliviam as dores provocadas pela distensão dos músculos e nervos. Dão firmeza ao passo. São anatômicamente moldados e ajustáveis à medida que os arcos vão retornando à posição normal.

GRÁTIS!
Exames e
conselhos
por peritos
do Dr. Scholl.
Pedicures
especialistas à
disposição.

SUPORTES DE ARCO, REMÉDIOS, CALÇADOS

Lojas Dr. Scholl

PARA O CONFÔRTO DOS PÉS

RUA SÃO JOSÉ, 114 - RIO
RUA AROUCHE, 71 - SÃO PAULO

IA-S-33

Limpe a pele uma vez por dia

PASTA DE AMENDOAS

RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos

A venda em toda a parte

Dame Française

Enseigne son idiome avec
methode facile et
rapide

Prix moderés

TELEPHONE: 26-3995

LEIAM os romances de
"FON-FON", que se encontram
à venda na Companhia Editora
"Fon-Fon" e "Seleta", à rua da
Assembléia, 62.

ALVIMAR SILVA

O meu bom amigo, o sol, cantava na sala, doirando os móveis e as cabeleiras louras dos meus filhos. Lá fora, era a mesma festa tropical que o meu amigo, o sol, sempre boêmio e peçadário, fazia sobre os morros verdes, sobre o velho casario ainda úmido de orvalho e sobre as tristes criaturas humanas.

Sustendo essa criaturinha linda de três anos nos braços, rasguei o envelope da carta crepuscular.

Dizia-me, lacônico e dolorido, Abílio de Carvalho:

"Falei em sua sepultura, enviando-lhe a última saudade dos seus irmãos de sonho, entre os quais ele sempre contou você no primeiro plano."

O sol continuava, lá fora.

A minha filha, vendo o sol, sorria.

Eu não sorria nem via o sol. Escutava, apenas, longe, esmaecida, uma voz que eu nunca ouvira, mas que conhecia:

"Se você vier para cá (eu não lhe digo 'venha!'), porque, afinal de contas, poderá você não gostar da cidade, acostumado como está com o Rio), se você vier, dizia eu, nossa casa está às suas ordens. E' pobre e modesta. Os corações que a habitam são, porém, grandes. Eu terei o máximo prazer em vê-lo aqui bem perto, velho amigo e irmão de arte, que você é. Desejo-lhe toda a felicidade possível e os meus amigos serão também seus amigos. Você travará relação com Adelfo Monjardim, autor de "O Tesouro da Ilha da Trindade", companheiro distinto e meu colega de repartição; Abílio de Carvalho, poeta, autor de "Vestígios da Dor Antiga", que trabalha na mesma seção que eu, na Prefeitura; Antônio Pinheiro, autor de "Cinza, Poeira de Ilusões," funcionário do Departamento Nacional do Café; Nelson Abel de Almeida, com vários trabalhos editados, amigo de uma boa anedota e amigo certo; Celso Bomfim, poeta e jornalista, funcionário do DEIP; Geraldo Costa Alves, poeta e professor; Paulo Rocha Freire, cronista, meu colega de seção, etc. Refiro-me a esses porque são rapazes novos. Há porém, vários outros e, principalmente, dentre os mais velhos, que poderão tornar-se seus amigos. Você já conhece, também, o dr. Manoel Lopes Pimenta, diretor da nossa "Vida Capichaba", homem bom, muito distinto, membro da Academia de Letras, o qual lhe poderá servir, também, de cicerone em nossos meios sociais e literários. A Cidade não é grande, mas, at-

almente, está muito melhorada pelas obras levadas a efeito pelo atual Prefeito, que muito tem feito por Vitória. Eu não sei se vai nisso um bocado de bairrismo...

O sol, sempre o sol, o meu amigo. Minha filha loura como o sol, nos meus braços parados.

Certa imagem, jovem e feliz, sai duma revista — número antigo de "Vida Capichaba" — e deixa, sozinho, no clichê, o Antônio Pinheiro. E' a de um rapaz alto, magro, simpático, quase lírico, espalhando mocidade, percorrendo a avenida Rio Branco. A foto lembrava sua visita à cidade-maravilhosa, de que ele não gostara muito: trazia sempre Vitória nos olhos e no coração...

"E's no meu sonho um êxtase fulgente,
Doce paisagem de belezas tantas,
Entre o oceano e a montanha vibrante..."

A poesia não deve existir, apenas no espírito do artista, mas também no coração do homem. Sinto que ele a possuía no espírito e no coração moço, batendo, ainda, de emoção, ante a surpresa da vida.

Abro a estante e retiro os seus livros.

Minha filha continua risonha olhando-me.

A cabeça serena do Cristo, sob o vidro da mesa, resplandece ao sol.

Reabro Clarões, Oração à Pátria, Ecce Homo, O Novo Brasil, Música de Longe...

A figura querida emerge das páginas sob a luz do sol. O Cristo continua sereno, majestoso, aos reverberos matinais. Releio versos que ele escreveu, certa tarde, longe daqui, sonhando talvez... Vejo-lhe as mãos, longas e brancas, como asas. O pensamento acariciando alguém. Aperto minha filha de encontro ao peito, com ternuras estranhas. Adivinho-lhe estremecimentos de serena alegria enchendo-lhe a mocidade ávida.

Surpreendo-me a folhear exemplares antigos de "Vida Capichaba". Paro numa página. E'lo, feliz. Não está só...

O sol, sempre o sol...

Olho minha filha, inocente e pura, que me sorri. Abraço-a, triste, irremediavelmente triste e vencido. O meu Cristo, ao sol, continua sereno, imutável, no mistério da sua quietude imperscrutável...

(Continúa na pág. 10)

*Em passeios
ao sol*



ÓCULOS ESCUROS

para os olhos...

LEITE DE COLONIA *para sua pele!*

Renove o prazer de viver praticando sports e realizando passeios ao ar livre... Mas proteja sua delicada epiderme, afim de evitar o aparecimento de sardas e manchas. Antes de sair, e assim que regressar ao seu lar, faça uma aplicação de Leite de Colonia sôbre o rosto, colo e braços. Filtrando os raios solares, Leite de Colonia protege sua pele e aumenta sua suavidade e seu fascínio. Leite de Colonia limpa, rejuvenesce e amacia a pele! Use-o sempre!

Leite de Colonia



QUANDO FALA A SCIENCIA

Compre ouvir-lhe a advertencia. A pelle flacida, sem viço, é começo de velhice precoce. O uso do Creme Rugól, em massagens diarias, fortalece os tecidos e savigora a epiderme, porque Rugól se infiltra até ás camadas sub-cutâneas, agindo como revitalizador. Com Rugól a pelle se conserva sadia, sem cravos, espinhas, manchas e rugas.

Creme
RUGÓL
ABDON & PRITAS, LTDA. - S. PAULO

INSTITUTO ABDON LINS DR. ABDON LINS

Titular da Academia Nacional de Medicina. Do Laboratório Bacteriológico da Saúde Pública. Catedrático da Escola de Medicina e Cirurgia. Docente da Faculdade Nacional de Medicina.

Seção de Análises Clínicas:
Exames de sangue, púas, etc.
Confecção de vacinas autôgenas, etc.
(1.º andar)

RUA RODRIGO SILVA, 30
Telefone 22-1855

LEIAM os romances de «FON-FON», que se encontram à venda na Companhia Editora «Fon-Fon» e «Seleta», à rua da Assembléa, 62.

ALVIMAR SILVA

(Continuação)

Releio, agora, suas inúmeras cartas.

O entusiasmo pela literatura fôra o ímã que nos atraía mutuamente. Permutávamos revistas, jornais, recortes e, às vezes, livros. «Vida Capichaba» me vinha sempre com uma carta sua, não ficando nenhuma carta minha sem resposta. Ainda assim dizia-me, na modéstia que, nele, não era «camouflage»: «se há amigo de quem não me esqueço nunca, você é ele. Não repare, peço-lhe, minha falta de atenção, na minha deselegância proverbial.»

Abílio de Carvalho tocou-lhe um hino em quatorze versos, e muitas páginas sentidas a sua morte prematura provocou. Quis também incluí-lo entre os que se despediam dele... Mas o choque me atordoara, amargurando-me a alma, que se encheu de indefinível angústia.

Certa vez, fiz-lhe perguntas para o inquérito literário «Gente Sonhadora», que estava organizando para «Brasilidade». Respondeu-mas tôdas, com aquela carinhosa atenção que eu já conhecia. Entre outras perguntas, fiz-lhe esta:

«A que deve o seu pender para as letras?»

«— Presumo que o meu pender para as letras seja devido a uma necessidade psicológica de completação de personalidade. Sou um homem pequenino, mirrado, quasi esquelético, sumido e supinamente feio. Isto, descobri-o de criança e percebi que não possuía qualidades físicas que me pudessem fazer aparecer no cenário do mundo... Que fazer, então? A resposta é uma só: tornar-me diferente pela mentalidade. E me veio, naturalmente, a vontade ingênua de fazer um verso, imitando Bilac...»

«— Que jornais e revistas publicaram suas primeiras produções?»

«— Os primeiros jornais e revistas que me publicaram produções foram pequeninos periódicos — um de nome *A Fuzarca* que se editavam na cidade *mignon*, onde a vida me ilhou definitivamente. A primeira revista foi a «Vida Ca-

pichaba», a iniciadora dos novos que surgem no Espírito Santo...»

«— Quais os romancistas, antigos e modernos, possuidores de predicados que, na sua opinião, os constituem representantes máximos do romance nacional?»

«— Machado de Assis é antigo, mas é, também, moderno. Ele está no passado e no presente. Esperemos o futuro...»

«— Quais os poetas que, na sua opinião, conseguem expressar e transmitir a sensibilidade, através da verdadeira poesia, a beleza dos sentimentos vários ou a inquietação universal, constituindo-se, assim, expressões reais da poesia na multiplicidade das suas «escolas»?»

«— Gonzaga, Gonçalves Dias, Casemiro de Abreu, Castro Alves, entre os mortos. Da Costa e Silva, Olava Bilac, Raimundo Correia, A. J. Pereira da Silva, Menotti Del Pichla, olegário Mariano, entre os vivos. E, com um sentimento de vivacidade eterna, Hermes Fontes! Ah! Como foi grande esse admirável Hermes Fontes! E como será sempre grande!»

Ah, meu Deus, a predestinação dos poetas!...

Já um ano se passou sobre o triste acontecimento que enlutou as letras capichabas e, também, sem nenhuma dúvida, as letras nacionais. Outros anos se passarão, nessa ronda dolorosa do tempo, tentando esmaecer a figura recta de Alvimar Silva, que se recorta, luminosa, no fundo gris e melancólico do nosso passado, onde a multidão dos amigos que já se foram desfila sob o luar emoliente da saudade. E ele continuará o mesmo para nós: aquela criança que se fez homem no trabalho honesto, estimulado pela nobre ambição de por si mesmo ser alguma coisa útil aos seus e também à sua terra. E foi, num fulgor de trajetória rápida — estréla cadente que deixou no céu escuro da vida a presença eterna de luminosa beleza...

JORGE AZEVEDO.

DEFESA . . . AUTOMÁTICA

TANTO nos dias de muito frio quanto nos de grande calor, a temperatura do corpo mantém-se mais ou menos constante. Raramente varia mais de meio grau acima ou abaixo do normal. Esse equilíbrio é devido a um ato de defesa do organismo, no qual a pele desempenha importante papel.

Pratique exercícios moderados, habitue-se ao banho frio diário e use roupas adequadas ao tempo, para conservar a pele em condições de proteger seu organismo contra as variações da temperatura exterior.

ENES.

De quem é a culpa?

Si V.S. sofre de dor de cabeça, tonturas, peso, calor e mal-estar na cabeça, empachamento, dores e outras perturbações do estômago, certas coceiras e irritações da pele, falta de apetite, preguiça e moleza geral, língua suja, queimadura na garganta, mau gosto na boca, mal-estar depois de comer, indigestão, mau hálito, arrêtos, gases, dores, cólicas e outros desarranjos do ventre, azias, ânsias e vontade de vomitar, nervosismo e outras alterações da saúde provocadas pela prisão de ventre, a culpa é sua porque não se trata como deve

Estas moléstias quasi sempre são causadas por impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas no estômago e intestinos, que invadem o sangue e prejudicam o organismo.

Para evitar e tratar estes sofrimentos, use **Ventre-Livre**.

Ventre-Livre limpa o estômago e intestinos das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosas doenças.

Use Ventre-Livre

. . .

Lembre-se sempre.

Ventre-Livre não é purgante

. . .

Tenha sempre
em casa **Ventre-Livre**

ÉSTE quadro tem uma história que vale a pena conhecer — disse o encarregado da pinacoteca aos turistas que visitavam o grande salão de arte.

Fazia uma tarde esplêndida de maio. O palácio onde funcionava o museu de pintura que pertenceu ao marquês de Bragança estava silencioso dentro da serenidade augusta da velha rua por onde, outrora, subiam, majestosos, os caletes imperiais. Só de quando em quando um automóvel moderno deslizava por ali, enchendo de trepidação aquele recanto que ainda conservava o encanto e a doçura do passado.

Os visitantes, alguns estrangeiros impassíveis e dois ou três diplomatas brasileiros que os acompanhavam, detiveram-se curiosos, diante do quadro que pendia de uma parede carcomida, à esquerda de quem entrava na sala. Era uma linda mulher jovem e morena, de olhos negros, que o pintor fixara em atitude meditativa olhando o céu de uma cena rústica, em que se viam algumas árvores solitárias e um recorte de serra azul dominando o fundo da paisagem. As cores da pintura eram fortes e a tela devia medir, pelo menos, uns dois metros de altura.

— Dizem — continuou o encarregado, um homem baixo, de cerca de setenta anos, de óculos escuros — que esta mulher existiu e foi a heroína de um romance cujos capítulos finais se desenvolveram a dois passos deste palácio, há pouco mais de meio século.

Todos ficaram atentos à palavra do narrador, que se mostrava inquietamente desejoso de contar a história daquele quadro.

— No tempo do império, a sociedade era rígida somente para os fidalgos que não gozavam dos favores da corte. Os outros tinham liberdade de sentir e de pensar como entendessem, amando as mulheres que quisessem e apresentando-as, ostensivamente, nos salões, ao *grand-monde* frívolo e astucioso da época. Não se compreendia nem se admitia um caso de amor entre os *plebeus* e a nobreza. Por isso mesmo, foi um escândalo social a paixão do jovem Paulo de Nerval, conde de Riachuelo, pela filha de um hoteleiro da rua do Lavradio.

Luiza Amorim era uma formosíssima jovem morena, que possuía a graça tropical das brasileiras de hoje. Filha de um casal de portugueses, residia perto do conde de Riachuelo, que a via passar, diariamente, para a escola, sobrando livros e vestida com a simplicidade da gente de sua classe. O conde olhava-a com enlevo, porque a rapariga tinha uma beleza deslumbrante e uma vivacidade que os olhos negros refletiam eloquentemente. Certa manhã, ele resolveu falar-lhe e ela, diante daquele moço louro, bonito, não se sentiu capaz de deixar de ouvi-lo. Tornaram-se namorados. Namorados escondidos, porque os pais do conde não poderiam permitir que o filho se apaixonasse por uma descendente de plebe. E quando o fato chegou ao conhecimento da família nobre, o rapaz foi, violentamente, afastado da mulher amada, e severamente castigado num exílio que forçaria o esquecimento definitivo. Mas o coração do homem, ou da mulher, que ama não pode esquecer o motivo irresistível do seu amor. E não veio o almejado esquecimento.

“As influências da família do conde foram ao extremo de conseguir a mudança dos pais de Luiza para outro ponto do país. O hoteleiro teve que abandonar a metrópole para ir estabelecer-se numa cidade paulista. Levou a filha e desapareceu.

“O jovem conde, sentimental e apaixonado, ficou alucinado na sua angústia e procurou, inutilmente, conhecer o paradeiro da família Amorim, banida impiedosamente, sem uma razão forte que o justificasse. Julgava-se o culpado daquele castigo inominável imposto a quem não tinha cometido um crime contra as leis do país. Não compreendia a atitude deshumana de seus pais e revoltava-se contra aquele excesso de zelo, que seu coração repudiava. Mas o tempo foi, dosimetricamente, gotejando sobre o episódio romântico da rua do Lavradio a essência do esquecimento. E tudo pareceu ter acabado.

“Entretanto, Luiza estava, irremediavelmente, na vida do conde, o qual, se aparentemente se mostrava curado da paixão, conservava, todavia, a lembrança daquela que o impressionara tão profundamente e que jamais esqueceria. E assim continuava agindo no sentido de descobrir o destino de sua pobre morena.

...

“Um dia, quatro anos depois, quis o acaso que os namorados de novo se encontrassem. O conde terminara seus estudos e tivera como prêmio uma excursão pelo Brasil, desde o Rio Grande do Sul ao Amazonas. Um navio o conduziu a Porto Alegre, de onde ele veio, depois, por via marítima, até Santos, conhecendo apenas as ci-

OCONTO
DE
AMOR

O Último
Quadro

De MARTINS CAPISTRANO

dades litoraneas. No grande porto de São Paulo desembarcou para ir até a capital bandeirante. Home-nageou-o o governador da província, que o levou a Campinas, a antiga Vila de S. Carlos, pouso dos bandeirantes que rumavam para Minas, Goiás e Mato-Grosso, e cuja história estava assim intimamente ligada à própria história da nacionalidade.

"Aí, Paulo de Nerval encontrou, afinal, a sua amada. Luiza morava em Campinas, lá para os lados do Bonfim, desde que seus pais tinham sido obrigados a abandonar o Rio de Janeiro. Cursava a Escola Industrial e ajudava a mãe nas tarefas domésticas. O pai tinha um restaurante na praça Bento Quirino, procurando recuperar nesse negócio os prejuízos decorrentes de sua forçada mudança.

"Foi na missa da Catedral que Paulo viu Luiza, e logo se perturbou diante de sua figura morena e triste. Procurou falar-lhe. A moça esquivou-se, com receio de ver seu pai novamente perseguido. O conde insistiu. Tranquilizou-a. E verificou que ela ainda o amava.

"Começou, então, o novo capítulo do romance. Paulo quis ficar mais tempo em Campinas. A comitiva oficial regressor a São Paulo. Desapontada, a começar pelo governador, com a desatenção do filho do marquês de Bragança. Este soube logo do fato, e ordenou o regresso imediato do filho. Nada, porém, conseguiu, porque o conde não voltou.

"Luiza alarmou-se. Alarmaram-se seus pais. Pressentiam nova intervenção do marquês para afastá-los dali. Já pensavam nos confins de Mato Grosso. Mas o amor venceu. E o conde, mesmo contrariando os desejos paternos, casou-se com Luiza. Era maior, agora, e poderia fazê-lo. Perdeu, porém, os direitos que a nobreza reserva e garante somente aos que não se divorciam das suas leis implacáveis. E, abandonado pelos pais, desherdado, ficou, desde então, pertencendo à classe da plebe.

"Os negócios do antigo hoteliro da rua do Lavradio declinaram com a nova perseguição política de que foi alvo o pai de Luiza. Paulo viu-se na contingência de trabalhar para auxiliar o velho português, vítima, por assim dizer, da fatalidade de sua paixão. Eram-lhe, porém, negados os empregos que pretendia. Havia uma evidente má vontade contra ele. Talvez a influência do pai...

"Mas o jovem, com os seus vinte e dois anos, não desanimou. Internou-se pelo sertão, como um novo bandeirante, para desbravar o seu destino. Bandeirante do amor e da esperança... Na Escola, ele fizera um brilhante curso



de pintura. Era uma vocação de artista. Tornou-se pintor de profissão. Fez quadros que maravilham os críticos da época. Retratos, paisagens, interiores... Voltou a Campinas. Foi a São Paulo. Realizou exposições. Foi elogiado pela imprensa. Ganhou dinheiro. Salvou da ruína a família da esposa. E depois de enriquecer, veio para o Rio de Janeiro...

...
O encarregado do museu deixou de falar e continuou olhando o quadro que representava a mulher morena. Seus olhos escuros velavam uns olhos azues, que não queriam aparecer aos visitantes daquele palácio.

— E qual foi o fim do pintor? — perguntou um deles. — Ainda vive? Ou já morreu? E Luiza? E seus pais?

— Ela já se foi deste mundo, depois de ter sido tão feliz. Mas ele é vivo. Envelheceu sem fortuna. Seus pais, com a República, perderam a situação que tinham no Império. E o filho os salvou da miséria. A vida sempre teve dois lados... Paulo, depois que a esposa morreu, vítima de um colapso cardíaco, ficou, também, na miséria. Desinteressou-se pelos ne-

gócios e pela própria arte que o enchera de glória. A residência do casal, ali em São Cristóvão, cobriu-se, perenemente, de luto. Nunca mais o pintor sorriu. Fugiu-lhe, com a companheira, a alegria radiosa e fecunda que o animava.

"Este quadro foi sua última inspiração. Estava a esposa ainda no seu leito de morte quando ele o pintou, chorando, diante de um retrato de Luiza no Bosque de Campinas. Não acompanhou o enterro da esposa para terminar a pintura, que veio, depois, não se sabe como, parar aqui, neste velho palácio transformado em museu. O tempo não conseguiu consolar o infeliz pintor, que passa os dias velando o quadro que é a mais pura e a mais doce lembrança de seu amor..."

...
O velho encarregado do museu não pôde mais falar. Estava nervosamente comovido. Chorava e ria ao mesmo tempo. E seus olhos escuros, velando-lhe os olhos, não chegavam para esconder-lhe as lágrimas com que ele recordava, angustiado e triste, a figura angelical da linda morena que apaixonara o louro filho do marquês de Bragança...



Modelos do Joan Crawford

A bem e insinuante JOAN CRAWFORD, que todos nós esperamos ver ao lado do incomparável Charles Boyer, pois Hollywood já nos informou de que está tentando reuni-los num mesmo filme, oferece às leitoras de FON-FON algumas sugestões selecionadas de seu recente guarda-roupa.



ford



CARIOCA



"REVEILLON" NA QUITANDINHA...

FALANDO-SE em Quitandinha, na sua grandeza prodigiosa, no seu empreendimento arrojado, na sua forma gigantesca, ainda nos ocorre um ligeiro vestígio de dúvida. Mas quando vamos ver de perto, despertados pela curiosidade irresistível que nos domina, quase não temos coragem de dar crédito aos nossos olhos extasiados... Contudo, a realidade aí está, em nossa frente, firme, monstruosa. Uma verdadeira apoteóse de deslumbramento, um mundo fantástico de encanto e beleza. Luxo, riqueza, maravilhas, tal como nos contos de fadas!

Quitandinha prometeu um "reveillon" aos seus "habitues". E seus "fans" convergiram, de todos os pontos, para a serra pitoresca de Petrópolis. Seria ideal romper-se o ano num mundo maravilhoso, dentro daquela fantasia descomunal que se transformou em realidade!... Seria, sem dúvida, um espetáculo colossal. Proporcionaria uma noite ímpar na história noturna — se esta existisse...

E o "reveillon" prometido foi dado. Não encontramos, porém, a esforço, os cuidados necessários, a atenção devida. O entusiasmo parecia perder-se na imensidão de seus amplos salões... A algazarra, a

vibração limitada, o ruído, pareciam um grito sufocado na vastidão interminável do oceano... Mais parecia uma brincadeira infantil, diante do que exigia aquele gigante arquitetônico. Era como que uma pequenina vela, acesa em meio a possantes faróis...

Isso não significa, entretanto, que a festa estivesse má. Ao contrário. Houve animação, houve vida, distribuição de prêmios, momentos de entusiasmo, como a execução do hino nacional, fazendo a apresentação de um quadro muito sugestivo. Existiu alegria, farra, ruído. Multidão enorme enchia o ambiente. Mas — sejamos francos — não correspondeu à nossa expectativa. Positivamente, Quitandinha não apresentou um "reveillon" à altura de Quitandinha. Isso é que não...

MÁSCARAS

NESSE "show" de carnaval que o Copacabana está apresentando, sente-se perfeitamente o reflexo da folia de Momo espalhada entre as paredes de seu "grill". É bem verdade que só no final, quando o espetáculo atinge o seu "climax", é que se consegue fazer vibrar a platéia. Em seus dois primeiros quadros, embora baseados em velhas canções populares, não há a vibração, a vida, o colorido, indispensáveis. Estão vazios, porque assim exige o tema que abrangeram. Tomam parte as bailarinas Grigoriewa, Lescoe, Volkowa, Kuprina, Yuqui, e o bailarino Sicardi, em bailados estilizados, numa forma clássica. Um tanto monótonos, mas não perdem, por isso, o interesse que a própria originalidade desperta.

E, lentamente, a animação se aproxima. O tempo começa a esquentar. (Notamos, aliás, que a temperatura do "golden-room" estava muito abafada — ?! —) O terceiro quadro é o que parece dar-nos uma idéia mais nítida do carnaval. Um carnaval de salão, mas bem animado. Joel e Gaúcho, Quatro Azes e um Coringa, Trovadores do Ritmo, Três Mezinhas, Estrélas do Ritmo, orquestra de Zacharias (leia-se Zacarias. O' ortografia, por que não te decides?...), e Sílvio Caldas, concorrem com o seu talento. Mas o verdadeiro astro do "show" foi Mr. Stukart, "expert" daquele "night-club". Esse diretor artístico compreendeu que num espetáculo desse gênero não seriam os cenários luxuosos, tão habituais em seus "shows", que despertariam a atenção merecida, mas sim o entusiasmo, a vida, a emoção espontânea, que deviriam despertar a alegria do público. E nesse particular nota-se a mão de um mestre. Os próprios espectadores compartilham do "show". As serpentinhas cruzam o espaço de lado a lado. A orquestra de Bountman serve de combustível para alastrar o entusiasmo incandescente dos presentes.

Quer-nos parecer que o carnaval deste ano estará um pouco enfraquecido. As músicas novas lançadas passam quase despercebidas em meio à avalanche daquelas modinhas antigas de outros tempos, como, por exemplo: "O teu cabelo não nega", "Rê de Palhaço", "O pierrot apaixonado", etc. A despeito disso, o espetáculo consegue agradar. Não é uma coisa estúpida, colossal. Não. É simplesmente bom, agrada. E isso é tudo, cremos.

NIGHTS



"Shows" de Carnaval...

Em outros tempos, quando faltavam ainda alguns meses para o Carnaval, a turma dos foliões dizia que este se achava bem próximo. Uns três ou quatro meses antes, e já os aparelhos receptores das ondas hertzianas traziam aos nossos pacatos ouvidos — coitadinhos, que fizeram eles de mal?... — o batuque do samba e a cadência da marcha. O Carnaval era apregoado, pois, com grande antecedência. Despertava, por isso, a animação e o entusiasmo do povo. Carnaval carioca! — quem não o conhecia? Turistas curiosos vinham ver de perto a folia de Momo festejada no Rio, a cidade maravilhosa, a «Cidade do Carnaval», como diziam...

Bons tempos, aqueles! Hoje, parece que a turma vai desanimando. O fogo da alegria, a chama do entusiasmo, se transformaram na labareda gigantesca dos canhões, das metralhas, das bombas explosivas, das armas assassinas que destroem o mundo. A terra está envolta num clima de ódio, de crime, provocado pelo calor insuportável da braza do terror! Parece que os que sobrevivem se encobrem de luto, numa tristeza agonizante que mal se pode disfarçar em um sorriso...

Nota-se, cada ano que passa, que a flama do Carnaval se extingue lentamente pelo líquido purpúreo do sangue. Não existe mais aquela animação de outrora. Os lábios que sorriem, com sacrifício, escondem as lágrimas ressequidas. O rádio parece triste, quase mudo diante da crueldade da guerra. Sente-se envergonhado em despertar os seus ouvintes, em notas paradoxais e contraditórias, quando, no mesmo instante, anuncia o aniquilamento dos homens entre si... Solução em

silêncio a sua dor. E o Carnaval se vai apagando.

O mesmo fato se verifica nos espetáculos desse gênero, oferecidos ao público, por nossos «music-halls», em todo fim de ano. Os «night-clubbs», juntamente com o rádio, lançam as novas modinhas que serão cantadas com irreprímível alegria, nos blocos de rua, nos salões, ou nos estribos dos bondes... Os compositores parecem sem animo, sem inspiração. Contudo, os casinos não fogem à norma habitual. E os «shows» de Carnaval, são apresentados. Para isso se prevalecem de carnavais passados, das músicas antigas, que foram o sucesso de outros tempos. O es-

petáculo é levado à cena assim mesmo. Esforçam-se. Vira daqui, mexe dali, e pronto! E é lançado, finalmente. Mas não chega a agradar, porque lhe falta o entusiasmo. E este, meus amigos, não se pode comprar. Só a liberdade e a paz de espírito o podem trazer...

Entretanto, a liberdade se aproxima. As preocupações estão sendo rechaçadas. E aproxima-se, também, o Carnaval da Paz, ou melhor, «O Carnaval da Vitória», que será, sem dúvida, o mais belo espetáculo que os nossos balearios jámais apresentarão. E não faltará então o entusiasmo de todos!

LEON ELIACHAR



BOB NELSON e seus vaqueiros, apresentam no «Atlantico», canções do «farwest» americano, em letras vertidas para o português. Aos amantes do gênero, agrada. No clichê acima vemos Bob Nelson. Talvez que os seus vaqueiros estejam procurando o gado, que, agora, anda bem escasso...



MARCO DA LIBERDADE

Para a mesa do Bebê

GRACIOSO jogo para guarnecer a mesa do bebê. O material indicado para a execução destes trabalhos é o linho fino, amarelo claro. As figuras são bordadas com ponto matiz, em cores. Para o arremate da beirada, pespontase um cordãozinho azul, em zigzag. Os riscos, em tamanho de execução, acham-se no suplemento que acompanha esta edição.



3 RAZÕES PARA UMA SÓ ESCOLHA!...

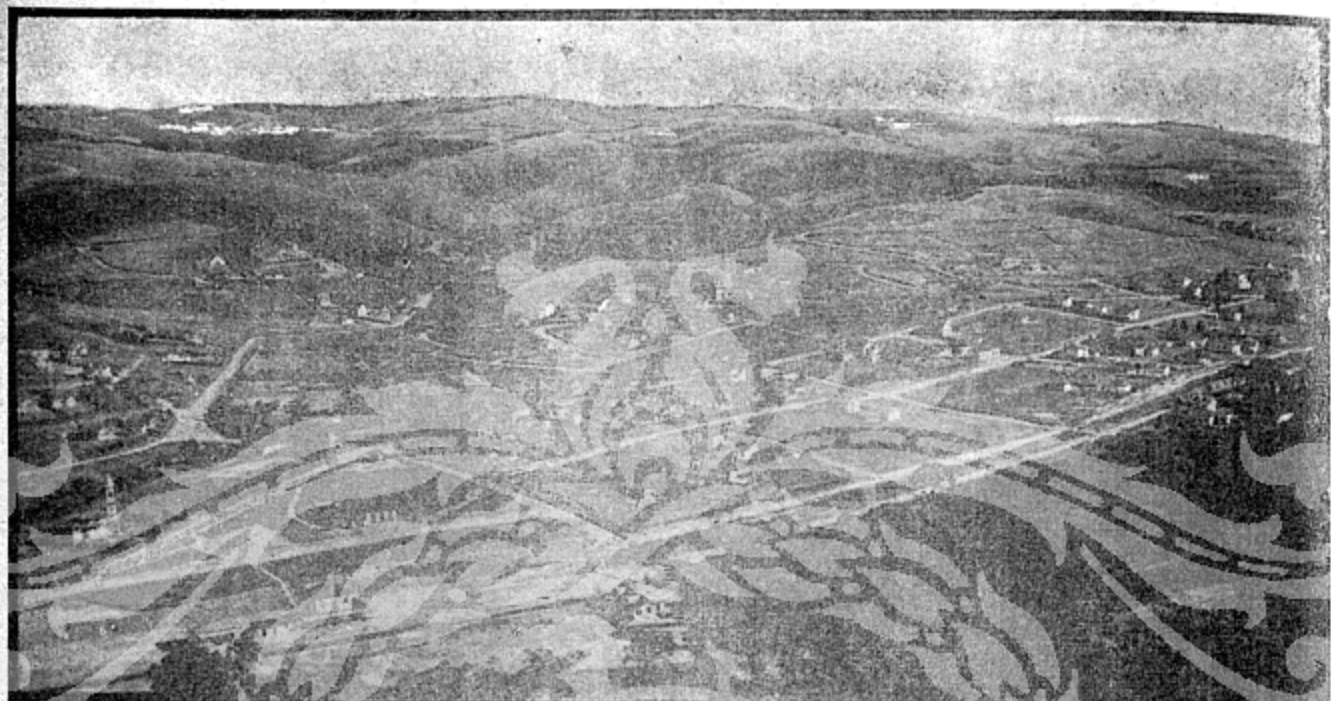
★ Quem exige um sabonete fino e de preço econômico - prefere o DORLY. Quem prefere um sabonete consistente e suavemente perfumado - usa o DORLY. Quem usa um sabonete de classe - escolhe também o DORLY, porque o sabonete DORLY - *preço por preço é o melhor!*

Sabonete DORLY

À VENDA EM TODO O BRASIL

P.F

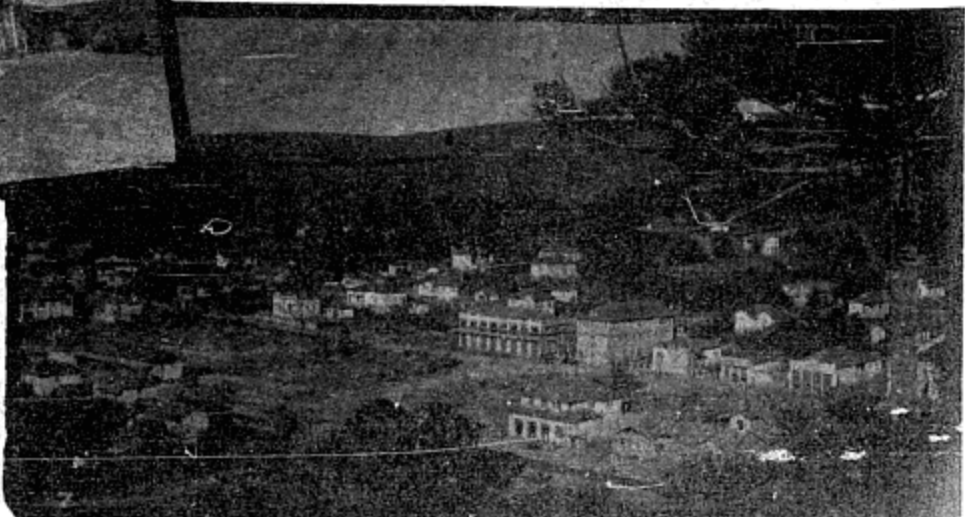
Cidades do Brasil CAMPOS DO JORDÃO



SÃO de Campos do Jordão, a bonita e saudável cidade do interior paulista, os aspectos panorâmicos que estampamos nesta página. No alto, uma vista parcial da «Vila Capivari»; á direita, um trecho da «Vila Jaguaripe»;



no centro, a rua Brigadeiro Jordão, e, em baixo, vista parcial de «Abernessias».



(Fotos do Departamento de Turismo do D.I.P.)



**Quando
a cabeça
pesa...**

FONTOL

O 1º a ser lembrado - Contra Dôr ou Resfriado!

**É MELHOR E
É NACIONAL**



Quando sentir dôr de
cabeça, dôr no corpo,
dôr de dente, defluxo,
gripe ou resfriado
— lembre-se em primei-
ro lugar de FONTOL.
Não ataca o coração.

Um Produto do INSTITUTO MEDICAMENTA FONTOURA S. A.

Standard

Como se faz um Casamento

DE ELISA DE H. SIERRA

OS arranjos preliminares de um matrimônio costumam ser objeto de dúvidas e consultas, apesar de estarem amplamente divulgados os detalhes referentes a esse grande acontecimento da vida dos solteiros. Detalhes que, na maioria dos casos, resultam de combinações e acordos ajustados entre famílias e pessoas interessadas que não se atêm às normas sociais que devem ser observadas, visto como as circunstâncias variam e nem sempre é possível seguir as regras tradicionais.

O enzoal da noiva é cousa que preocupa a todo mundo, na âmbito familiar, cujos interessados procuram saber quem deve concorrer com as despesas, ou a quem cabe contribuir em parte com as mesmas.

Ora, o enzoal da noiva é custeado pelos pais, como tem sido praxe até hoje. Mas, nesse caso, há ajustes e arranjos que variam segundo a situação de cada noiva, sendo uso, como se sabe, entre pessoas de posição modesta, o noivo ajudar ou mesmo fazer às vezes dos pais da sua eleita.

O que ao noivo compete, de acordo com a tradição, é adquirir tudo aquilo que seja necessário à vida do casal — desde os móveis até a

roupa de cama e o que respeita aos utensílios da cozinha.

Estas aquisições podem ser feitas em segredo, muitas vezes, de modo a fazer surpresa à noiva ou em combinação com ela, afim de evitar que não haja harmonia de gostos, na escolha das utilidades.

A festa das bodas, quando se tornam imprescindíveis, correm por conta dos pais da jovem. Mas é certo, também, que tal costume não possa ser alterado, correndo tudo sob a responsabilidade do noivo.

O padrinho da noiva responde pelas despesas com o ato nupcial, tratando-se do lado religioso. O civil é da alçada do noivo.



Em alguns casos, o padrinho contribui com os gastos, em geral, excluindo apenas os dos pais da noiva.

A cerimônia do casamento civil está isenta de protocolo. Deve realizar-se na maior intimidade, não concorrendo ao Registro Civil senão os contraentes, as testemunhas e alguns parentes próximos dos noivos.

As diligências prévias são feitas pelos pais da noiva, podendo-se solicitar a leitura das habilitações e dos demais documentos referentes ao ato.

Os pais são os padrinhos da cerimônia, seguindo-se os demais parentes: irmãos, tios, etc.

Como é prerrogativa dos noivos eleger os padrinhos, não se devem fazer insinuações a respeito, para escolhê-los, afim de que fiquem em absoluta independência. Por que se age desse modo? Porque estas insinuações só têm ocasião quando não existem padrinhos natos, como são os pais da noiva.

Os casamentos que se celebram pela manhã imprimem um caráter mais religioso à cerimônia nupcial, pois se realizam com missa de esponsais.

A tarde, têm um cunho mundano, aparatoso e costumam ser imponentes.

Durante a noite, as solenidades reúnem as vantagens dos anteriores, sem os inconvenientes de um ato tardio.

Os convites partem da casa de ambos os contraentes ou da casa da noiva, facilitando então ao noivo uma lista de suas relações.

Devem ser remetidos com antecedência suficiente que permita aos convidados o envio de felicitações em tempo oportuno. A antecipação deve ser de dez dias.

Quando não se faz festa alguma, só se faz a comunicação do casamento.

MOLDES DE "FON-FON"

Queira remeter-me, com brevidade, o molde do figurino n.º

publicado no FON-FON de de acordo com as seguintes medidas:

Comprimento do decote da cintura

dos quadril da barra

Circunferências: do busto da cintura

dos quadril

Medidas do ombro da manga

do punho das costas

Junto a importância de (em selos de 20 centavos do correio, ou em dinheiro) em carta com valor declarado.

NOME

RUA N.

CIDADE ESTADO

Juntar a importância de quatro cruzeiros (Cr\$ 4,00) em dinheiro ou em selos de 20 centavos, para entrega a domicílio, sob registro.

Quando entregue em nossa redação — o preço será de três cruzeiros e cinquenta centavos (Cr\$ 3,50).

Toda correspondência deverá ser dirigida para o seguinte endereço:

RUA DA ASSEMBLÉIA, 62 - 1.º ANDAR — RIO DE JANEIRO — CAPITAL

Notas de Arte

SZENKAR. — Repetição vespertina do 19º concerto noturno da temporada de 1944, realizou-se mercurial, 4ª f., 27 de dezembro mais um concerto da Orquestra Sinfônica Brasileira, sob a grande regência de Eugen Szenkar, o aclamado mestre de mestres da batuta, tendo sido executadas a 7ª e a 8ª Sinfonias de Beethoven, segundo este programa, e em continuação do Ciclo das Sinfonias do mestre de Bonn, que pela 2ª vez nos está sendo apresentado pela Orquestra de Szenkar: I) 8ª Sinfonia, em lá maior, op. 93: 1. *allegro vivace con brio*, 2. *allegretto scherzando*, 3. *minuetto*, 4. *allegro vivace*; II) 7ª Sinfonia em lá maior, op. 92: 1. *sustenido-allegro vivace*, 2. *allegretto*, 3. *scherzo*, 4. *finale-allegro con brio*.

Dessas duas Sinfonias já dissemos resumidamente o que valem em si mesmo, quando foi da sua 1ª edição, o ano passado, pela mesma orquestra de Szenkar ("FF", n. 1, de 1º de Janeiro de 1944). Agora nos limitamos a registrar o que foi a nova interpretação por essa mesma orquestra.

Embora o instrumento tocado esteja ainda longe de corresponder à magistralidade do instrumentista, embora a O. S. B. não pare no mesmo plano de Szenkar, todavia vai cada vez mais se aproximando desse plano, e assim nos deu uma boa edição da 7ª e uma ainda melhor da 8ª Sinfonia de Beethoven.

Graças à memória prodigiosa do incomparável regente e a faculdade maravilhosa que o torna único entre os seus pares — a de desenhar antecipadamente e minuciosamente em linhas e superfícies gesticulares as frases musicais de modo tal que na música dos gestos se vê antes de ouvir, a música dos sons — a interpretação da O. S. B. dos dois poemas beethovenianos, deu belo relevo ao sentido psicológico que os define quando se lhes chama: ao 8º Sinfonia do humorismo (Grove) e ao 7º Sinfonia da dança (Wagner).

A 8ª, a *Humorística*, que é, pela sua extensão, uma Sinfonia pequena, mas pelo seu valor uma grande sinfonia, assume acentuadamente essa grandeza no 4º movimento, no *allegro vivace*, tal como Szenkar o tocou. Ouvindo-o, pareceu-nos ouvir as "gargalhadas e explosões de cólera", a que alude Camille Blümling e o levam a dizer que a *Humorística* é "tão verdadeira, tão semelhante à vida como um drama de Shakespeare."

A 7ª, a *Coreica* — chamemo-lhe assim — é essencialmente uma sucessão de ritmos. As belas melodias que deles se desprendem não os fazem desaparecer. É uma dança, uma coreia, constante e contínua. É a apoteose da dança, como bem lhe chama Wagner. É esse caráter essencialmente dançante que Szenkar, com a sua excepcional regência, fez sobressair durante toda a execução e se sublimou no movimento final, quando atinge o auge a orgia rítmica da sinfonia. Entretanto para a nossa sensibilidade, o que melhor e mais interessante nos impressiona na *Coreica* é o movimento menos coreográfico da sinfonia, é o *Allegretto*, onde canta triste e melancólica uma das mais lindas melodias de Beethoven. E Szenkar parece tê-la feito ainda mais linda pela interpretação verdadeiramente canora do canoro trecho.

Aplausos muitos coroaram o incomparável regente e a sua orquestra.

20º e último da temporada de 1944, realizou-se

(Continúa na página seguinte)



O espelho não mente...

fixbril

MANTEM O PENTEADO O DIA TODO, DEIXANDO O CABELO MACIO E SEDOSO

Rio de Janeiro - São Paulo - Belo Horizonte - Porto Alegre - Recife - Salvador - Rio de Janeiro

TODOS OS SABIDOS COMPRAM NO
BAZAR REI DO ESTACIO

Variado sortimento de Louças, Ferragens,

— Artigos finos para presentes, etc. —

J. MIRANDA DE AZEVEDO

RUA ESTACIO DE SA, 155

FONE: 22-5500 — PROXIMO AO LARGO

RIO DE JANEIRO

SENHORAS!

INUMEROS ATESTADOS MEDICOS COM-
PROVAM QUE "GYSA" É O PRODUTO
QUE DEVE SER PREFERIDO PELAS SE-
NHORAS SENSATAS.

no Teatra Municipal, na tarde de sábado, 30 de dezembro, mais um concerto da Orquestra Sinfônica Brasileira, sob a excepcional regência do maestro húngaro Eugen Szenkar, e com o concurso dos solistas, soprano Alice Ribeiro, contralto Marion Mattoeus, tenor Roberto Miranda e baixo Alexandre de Lucchi, e do coro mixto, formado de elementos da associação O. S. B. e do Teatra Municipal, sendo executada a 9ª Sinfonia em ré-menor, op. 121, a *Sinfonia Coral*, de Beethoven: 1. allegro un poco maestoso, 2. molto vivace, 3. adagio molto, 4. finale.

A *Sinfonia Coral* — a que se pode chamar *Sinfonia da Liberdade*, não só porque o hino de Schiller que ela musicou era conhecido no seu tempo como a *Marscelheza Germanica*, como também porque se propalou a versão de que esse hino não era consagrado à Alegria (*Freud*) mas a Liberdade (*Freiheit*) — celebra em todo o seu esplendor a glorificação da Humanidade, alegre e livre. Fundiram-se num só os dois ideais: a alegria e a liberdade, *Sinfonia da Fraternidade, do Amor Universal* — talvez ainda melhor se lhe poderia chamar.

Como quer que seja, a *Nona* é a cúpula altíssima que remata a magestosa catedral sonora, constituída pelo ciclo das nove sinfonias. Técnica e esteticamente resume e integra toda a obra genial do genial Beethoven. O mestre dos mestres da música, o maior dos musicos, além de outras inovações, incorporou à orquestra um instrumento novo — a voz. A orquestra se tornou assim mais sinfônica, porque abrange desde então todos os sons, não só os dos aparelhos mortos, que são os instrumentos inorgânicos, mas também os do instrumento orgânico, do aparelho vivo, que é a voz humana. Diz-se, é ver-

dade, que Beethoven, se arrependeu dessa inovação, e tencionava substituir por instrumental a parte vocal do seu grandioso poema. E' uma opinião respeitável pela autoridade de quem a emitiu — e mesmo perfeitamente defensável desde que se entenda ser a música sinfônica só música, música pura, não associada a palavras. Em todo o caso, se é uma falha na música sinfônica essa associação, não no é menos faltar, nessa música, que deve integrar todos os sons, os mais vivos, os mais emotivos, os que têm verdadeiramente alma — os SONS VOCAES. Por isso mesmo, para nós a *Sinfonia Coral*, que se incorpora esses sons, é a mais sinfônica de todas as sinfonias, e é a sinfonia das sinfonias de Beethoven.

Completando estes, com os comentários que fizemos anteriormente, quando foi da sua 1ª edição no ano de 1943 ("Fl.", n. 2, de 8-1-1944), limitamo-nos a dizer agora da nova interpretação dessa sinfonia que nos acaba de dar a mesma D.S.B. ainda sob a genial batuta de Szenkar.

Certo a orquestra de Toscanini, sob a batuta de Szenkar, nos daria ainda melhor interpretação da 9ª Sinfonia do que a O. S. B., mas pensamos não errar afirmando que esta última atingiu a belas alturas e viveu o último movimento com um esplendor técnico e estético que teria sido sem par, se os solistas tivessem mantido sempre a mesma unidade e coesão da massa coral. Mas mesmo com este senão se pode dizer que foi ótima ou quase ótima a interpretação do *Final* do último canto da grandiosa epopéia sonora que é o *Ciclo das Sinfonias* de Beethoven.

Mais uma vez admiramos e palmeamos com entusiasmo a regência incomparável e única de Szen-



BELZEMA

para Eczematide Infantil

• Pomada não gordurosa, antissética, que combate as coceiras e erupções da pele. Não requer ataduras.



Vendido em
3 tamanhos
GIGANTE
GRANDE
PEQUENO

FALTA-LHE O APPETITE?

Cuidado! Você está se intoxicando!

Esta falta de appetite é devida ao desarranjo das funções digestivas que resulta da acumulação de tóxicos no organismo. Elimine esse perigo tomando diariamente o "Sal de Fructa" Eno — de sabor agradável e de efeito revigorante. Eno limpa o systema intestinal, purifica o sangue, evita a somnolencia e a falta de appetite. Mas... não aceite substitutos!

'SALDEFRUCTA' ENO



Fascinação "ultra chic" em suas mãos...

As criações Peggy Sage colocam
em suas mãos esse «glamour»
distinto e ultra-moderno!
Côres originalísimas...
de extraordinária
permanência.

Tons moderníssimos:

CEREJA • VINTAGE • INCARNAT
SCARLET • VERMELHO • HACIENDA
TULIPA • CEREJA NEGRA

Peggy Sage



kar. Regendo sempre de cór, não lhe escapa uma única nota, e nem uma só vez deixa de marcar, com minuciosa precisão todas as entradas, e de antecipar nos gestos e atitudes a forma e a cór das frases musicais. Se tudo isso se viu e se admirou nos três primeiros movimentos, da CORAL, mais se acentuou no último, que os resume todos, onde Szenkar irradiou a sua própria personalidade através de todos os interpretes; parecia que era ele mesmo que estava encarnado no córo e na orquestra.

O Municipal, de lotação exgotada, aplaudiu sem cessar e estrepitosamente o excepcional mestre da batuta. O Prof. Antão Soares, ressumindo-lhe a obra

de diretor artístico da O. S. B., saudou-o numa breve alocução. E uma chuva de flores caiu-lhe sobre a cabeça atirada por um grupo de admiradores. Ofereceram-lhe mais os seus comandados um busto de Beethoven. No camarim recebeu ainda numerosos cumprimentos; abraçaram-no e beijaram-no efusivamente cavalheiros e damas. Poucas vezes se tem assistido a tão justas e entusiásticas manifestações. E cremos que o homenageado as recebeu assim porque, como poucos, como raros, parece reunir ao valor artístico, o valor moral.

OSCAR D'ALVA.

Novidades de Hollywood

"BRID BY MISTAKE" foi o título para "That Hunter Girl", a deliciosa produção de Bert Graa-net, com direção de Richard Wallace, com Alan Marshal, Laraine Day, Marsha Hunt, Allyn Joslyn, Edgar Buchanan. "Bride by mistake" é a refilmagem dum dos melhores filmes de Miriam Hopkins, "A pequena mais rica do mundo", porém com um novo "tratamento"... A encantadora Laraine Day tem, neste filme, o seu primeiro papel de "estrela", enquanto Alan Marshal e Marsha Hunt fazem respectivamente os papéis que Joel Mc Crea e Fay Wray interpretaram na outra versão.

A linda Nancy Kelly, que foi recentemente contratada pela RKO RADIO, tendo já surgido em "Terror no deserto" e "E o espetáculo continua", tem o principal papel feminino de "Betrayal from the east", um filme forte e emocionante, que nos conta verdadeiramente o caso de Pearl Harbor. Lee Tracy é o "astro" deste filme dirigido por William Berke, e baseado no "bestseller" de Alan Hynd.

...

NANCY Gates, uma das interpretes do misterioso policial RKO, "Do Fundo da Noite" (One night of adventure), numa das cenas tomadas em um tribunal, chorou tanto que seu "make-up" teve que ser refeito des vezes! "Do fundo da noite" protagoniza Tom Conway, a nova artista Audrey Long, Jean Brooks e Louis Borel e foi dirigido por Gordon Douglas.

FORMATURA



CONCLUIU o curso de Obstetrícia pela Faculdade de Medicina do Estado do Rio de Janeiro, a sra. Dêa Soares de Oliveira, esposa do sr. João Vianna de Oliveira, Sub-Oficial da nossa Marinha de Guerra e filha do sr. Galdino Vianna Marinho, funcionario dos Correios e Telégrafos do Distrito Federal e de D. Maria Soares Marinho.

"CHEZ" MADAME REVEILLAU

MOREIRA

©

A tarde cai, sobre o Cristo Redentor um mundo irreal de beleza extrema evocado pelas nuvens multicores que formam dragões e figuras fabulosas com contornos bizarros.

Dentro do elegante apartamento, uma decoração "rafinée" e sóbria. As amigas começam a chegar; há inúmeras "jeunes filles", porque o aniversário, o jovem Arnaldo da Concelção Reveillau Moreira, convidou uma série de lindas amiguinhas, às quais, ele e Mme. Reveillau atende'am com a máxima gentileza.

Pudemos anotar: Mme. Elza Milanez Lopes, "en vert". Mme. Helena de Carvalho Lopes, "en bleu ciel". Mme. Rosita Carvalho, "en rouge". Mme. Reveillau Moreira, "en noir et blanc", Mlle. Lydia von Ihering, linda com um vestido preto e chapéu negro com pluma rosa claro. Mlle. Julinha Dias, a dona de uma voz bonita já tantas vezes aplaudida. Mlles. Lourica de Moraes, Luiza Bras — esta última neta do saudoso presidente Wenceslau Bras; Thereza van Erven, Stella de Andrade, Sras. Adolfo Dourado com gracioso chapéu branco com rosas e véu verde. Cecília Moreira da Rocha, Aida Trindade, Sarah Van Erven e outras que o espaço limitado nos força a não inserir nesta lista.

MOBILIARIOS - TAPEÇARIAS - DECORAÇÕES




A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL

AGORA SOMENTE - 65-RUA DA CARIOCA-67 - RIO DE JANEIRO



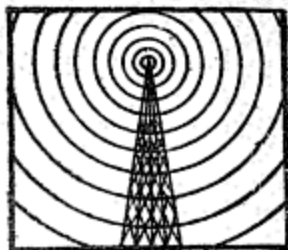
METROLINA

*Quê e ligando
a mulher*

**ANTISSEPTICO GINECOLOGICO
BACTERICIDA - DESODORIZANTE - ADSTRINGENTE**



DIREÇÃO DE ALZIR ZARUR



Minha opinião

TRES MESES DE SILÊNCIO... — "MELHORES DE 45" E A LIÇÃO DOS FATOS — CONTRASTES E CONFRONTOS... — RENOVAR OU MORRER — A CONFUSÃO NÃO É GERAL...

MEU caro ouvinte-leitor.

Volto a externar, semanalmente, a MINHA OPINIÃO, depois de três meses de silêncio. Você deverá ter compreendido que evitei, dessa forma, influenciar possíveis votantes inexperientes, com a minha humilde opinião desvaliosa.

Encerrou-se, porém, o concurso de "FON-FON", e já estão eleitos os "Melhores de 45". Doravante, nada impedirá que eu retorne à faina de ouvir e criticar os programas de rádio, dentro da orientação essencialmente construtiva desta velha seção.

E é justo que eu fale, em primeira mão, do próprio certame que tive o prazer de organizar...

O analista que tenha examinado o questionário, sem idéias preconcebidas, terá notado que ele abrangeu todos os setores ORGANIZADOS da nossa radiofonia. Terá verificado, ainda, que o concurso "Melhores de 45" acompanhou a impressionante evolução do nosso "broadcasting". Você, por exemplo, caro ouvinte-leitor, se comparou as perguntas do atual certame com as do certame de 1938, pode observar que o rádio moderno é bem diferente daquele rádio em que imperavam o cantor e o "speaker"... "Melhores de 45" veio posicionar, de forma esmagadora, a supremacia do PROGRAMA, realização que exige um conjunto de elementos harmoniosamente congregados. Entre outras coisas, positivou que prevalece hoje o espírito de "team", com figuras que compreendam que nada farão sozi-

"PALESTRAS CULTURAIS"



A nossa PR.1 oferecerá aos leitores de FON-FON, a partir do próximo número, a colaboração preciosa de uma das figuras expo-nenciais do nosso rádio cultural: Eugênio Figueiredo. Sim, queremos falar, precisamente, do autor das famosas "Palestras Culturais" da Rádio Mayrink Veiga, lidas por Cesar Ladeira. Poeta e prosador de primeira água, veterano jornalista e crítico teatral, cronista sutil e conferencista singular, Eugênio Figueiredo é um nome que honra a nossa radiodifusão, sob todos os aspectos. Oferecendo aos leitores as páginas semanais de Eugênio Figueiredo, prestaremos um serviço de real valia aos rádio-ouvintes e aos próprios "broadcasters" do Brasil, esses que sabem cultivar as obras-primas da Arte e da Ciência.

nhas, por mais alto que seja o seu valor. Foi-se o tempo, curioso tempo, em que o Leônidas era a única figura em campo...

Se me perguntarem qual deve ser o primeiro cuidado de uma estação que se preze, eu responderei:

— Reunir homens de capacidade criadora e dar-lhes todo o apoio imprescindível, para que possam ter idéias! E transformar essas idéias em programas! Só. Só isso, e nada mais.

Terei dito algum absurdo? Que direis vós, ó excelsos e inefáveis devotos da Rotina?

Mas não foi apenas essa lição que nos deu o certame de FON-FON. Revelou-nos, também, que ainda há muito que fazer pelo rádio do Brasil. Há setores que reclamam cérebros e vozes, para essa constante renovação do panorama sonoro... O público está ficando exigente. Já critica os programas com rigor. Já se ri dos medalhões que esgotaram repertório. Já critica os próprios críticos...

Amigo ouvinte-leitor, temos muito que conversar, neste ano de 1945...

O microfone é um Baal-Moloch insaciável...

Pede tudo.

Devora tudo.

Quer mais.

Sempre mais.

Quem não tem competência não se estabelece...

A. Z.

RÁDIO CARIOCA

"Campeonato Brasileiro de Calouros"

"CAMPEONATO Brasileiro de Calouros", a notável realização de Almirante para a Nacional, terminou sua última prova com os seguintes resultados:

CANTORES:

- 1° — Ruy de Almeida — Média 17,24 — (Premio de dez mil cruzeiros; contrato com a Rádio Nacional e para gravações.)
- 2° — Helio Tavares — Média 16,66 (Contrato com a Rádio Nacional).
- 3° — Victor Zambito — Média 15,55.
- 4° — Josenilio Sarmiento — Média 15,34.
- 5° — Jair Abreu — Média 14,46.
- 6° — Roberto Guimarães — Média 14,32.
- 7° — Atalde Guimarães — Média 13,52.
- 8° — Ivan Ramos — Média 13,06.

CANTORAS:

- 1° — Maria Carmen — Média 15,50 ((Premio de dez mil cruzeiros; contrato com a Rádio Nacional e para gravações.)



Carlos Maia, artista exclusivo da Rádio Nacional, é um excelente rádio-ator, que conquista merecidamente as simpatias dos fans.

- 2° — Aidê Miranda — Média 14,91 (Contrato com a Rádio Nacional.)
- 3° — Dilena Cunha — Média 14,80.
- 4° — Iracema Brasil — Média 14,24.
- 5° — Valéria — Média 12,71.

Resta-nos aplaudir, mais uma vez, o trabalho de Almirante, que nos deu o melhor programa de calouros já realizado no Brasil.



Dr. José Paulo Bezerra, médico de reconhecida competência, realiza interessantes palestras científicas ao microfone da Rádio Jornal do Brasil.

"A Voz da Beleza"

"A Voz da Beleza", o programa feminino de Léa Silva, ao microfone da PRE-8, vem lucrando imenso com a colaboração de Diva Paulo. Diariamente, apresenta um tema útil, focalizado com muita propriedade, de acordo com a seguinte distribuição:

Segundas-feiras: "A Voz da Beleza" Na Sociedade — com conselhos de civilidade, festa mais importante de sua vida, etc.

Terças-feiras: "A Voz da Beleza" No Seu Lar — com sugestões à mulher dona de casa, mãe, etc.



Olavo de Barros, o prestigioso diretor rádio-teatral da Tupi, vai dirigir uma Companhia de Teatro. Mas voltará, depois, à atividade radiofônica...

Quartas-feiras: "A Voz da Beleza" Na Guerra — com documentário cívico feminino.

Quintas-feiras: "A Voz da Beleza" E Os Homens — idéias em torno do eterno tema: homem e mulher.

Sextas-feiras: "A Voz da Beleza" E A Elegância — elegância, beleza, estética, saúde.

Sabados: "A Voz da Beleza" Na Arte — com um pouco da história e a fantasia original de todas as artes.

Como se vê, um programa cem por cento feminino...

Joel e Gaúcho na Rádio Globo

A novidade radiofônica do momento, depois do ingresso do conjunto Quatro Azes e Um Coringa na Rádio Nacional, é a aquisição de Joel e Gaúcho para a Rádio Globo. Não há dúvida: foi uma iniciativa excelente da emissora de Henrique Tavares, visto que Joel e Gaúcho constituem, ainda, a melhor dupla vocal da cidade. Fala-se em outras "novidades" da Rádio Globo... Vamos aguardar.

S. H.

"Melhores de 45"

A Rádio Nacional apresentará o
«big show» dos Melhores do Rádio

"FON-FON" INICIARÁ EM 1º FEVEREIRO AS TRICROMIAS DO "LIVRO DE OURO"

CRESCER a expectativa do público rádio-ouvinte em torno do grande espetáculo sonoro em que a PRE-8 reunirá os "Melhores de 45", consagrados pelos fans no Concurso Radiofônico de FON-FON.

Nem podia ser de outro modo: o desfile dos "Melhores do Rádio" constituirá sensacional "big-show", com os ídolos populares congregados numa só transmissão.

A Rádio Nacional já está preparando essa monumental parada de astros e estrelas do nosso "broadcasting", de que daremos, nas próximas edições de FON-FON, todos os pormenores.

Preparem-se os fans para ouvir o "big-show" radiofônico dos "Melhores de 45", através da onda possante da Rádio Nacional!

OS PRÊMIOS DOS "MELHORES DE 45"

Será feita, durante o desfile dos "Melhores de 45", na PRE-8, a entrega dos prêmios que couberam aos vencedores do certame de FON-FON.

Inicialmente, os "prêmios individuais", que são os seguintes, no valor de 3.000 cruzeiros cada um:

1º — Amaral Gurgel, o melhor escritor rádio-teatral (Laboratórios Goulart).

2º — Almirante, o melhor autor de programas (Civilização Brasileira Editora).

3º — Paulo Gracindo, o melhor rádio-ato (Eucalol — Perfumaria Mirta S.A.).

4º — Alziro Zarur, o melhor policial (Mestral).

5º — Ismênia dos Santos, a melhor rádio-atriz (Mme. Janot).

6º — Celso Guimarães, o melhor locutor (R.C.A. Victor Rádio S.A.).

7º — Lúcia Helena, a melhor locutora (Leite de Rosas).

8º — Ari Barroso, o melhor locutor-esportivo, que se fará representar (Taylor-Roberto).

9º — Francisco Alves, o melhor cantor (A Insinuante).

10º — Linda Batista, a melhor cantora (Perfumaria Carneiro).

11º — Radamés Gnattali, o melhor músico (Casa da Borracha).

12º — Barbosa Junior, o melhor comico (Óleo de Lima).

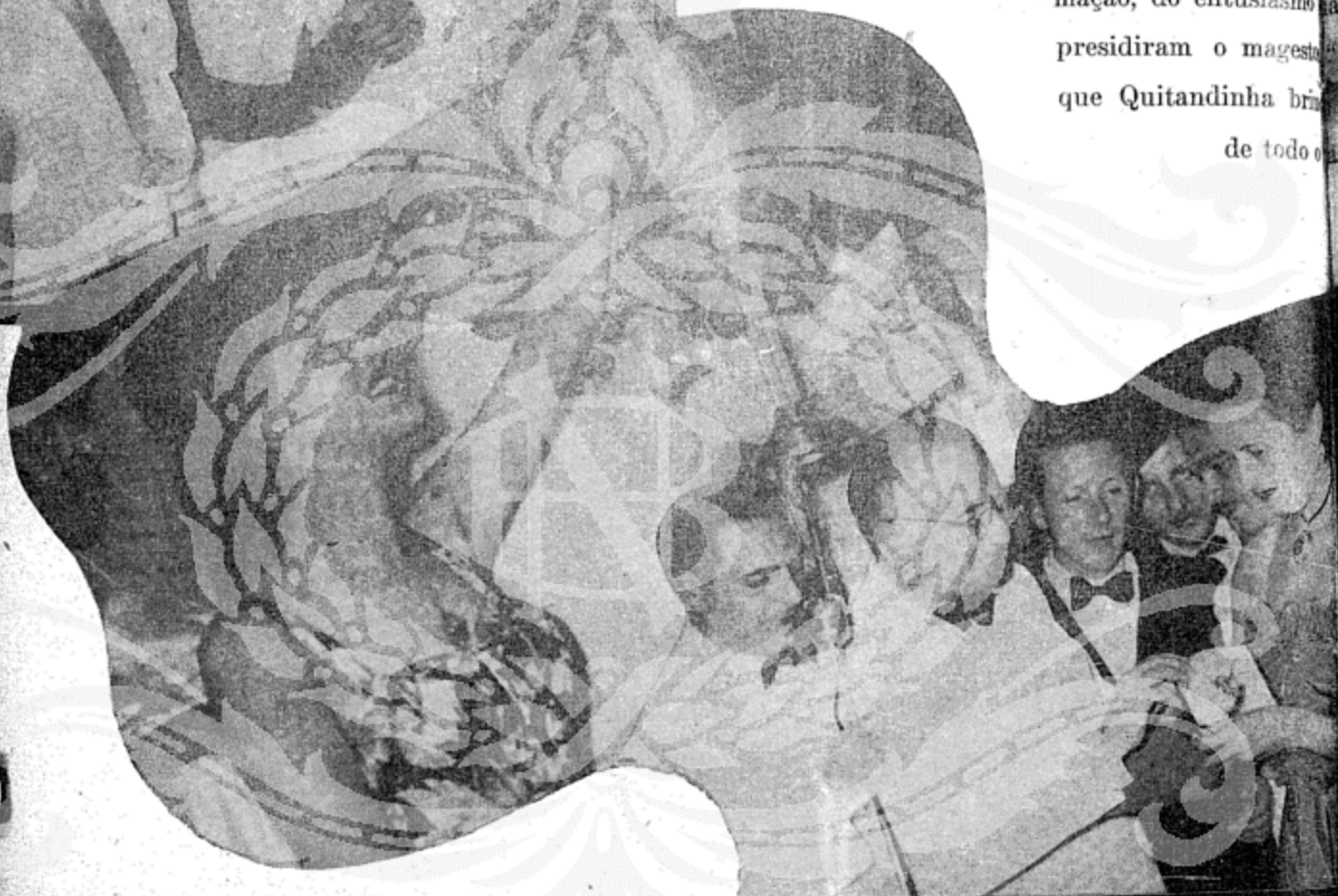
Aos demais vencedores, FON-FON conferirá os diplomas dos "Melhores" — duplas, trios, elencos, conjuntos, orquestras, programas, estações, compositores e patrocinador.

Aos rádios-fans, depois do sorteio dos votos que enviaram, serão oferecidas assinaturas de FON-FON e, mais tarde, os luxuosos exemplares do "Livro de Ouro do Rádio", com os "Melhores de 45".



O 'Reveillon

A elite carioca festejou, este ano, a noite de S. um maravilhoso "reveillon", nos suntuosos — a grande fantasia que já se tornou realidade ambiente de luxo, encanto e beleza. As fotos esta página dupla de FON-FON dão-nos be- mação, do entusiasmo presidiram o magesto que Quitandinha brin- de todo o



de Quitandinha

Silvestre, com
de Quitandinha
um autêntico
os que ilustram
a idéia da ani-
a distinção que
"reveillou" com
os seus "fans"
sil.







FON-FON Feminino

SUPLEMENTO N. 2

DE 18 DE JANEIRO DE 1945

1-2-3 Graciosos motivos para guarnecer a mesa do bebê. N. 1 — Risco para a toalha de mesa. N. 2 — Risco para o avental. N. 3 — Risco para o guardanapo. Esses trabalhos devem ser executados em linho fino, amarelo claro. Para o bordado, usa-se linha a ul-cô, rosa-pálido, verde, laranja e castanho. Para o arremate, nas bainhas, coloca-se um cordãozinho azul-marinho, em zig-zag.

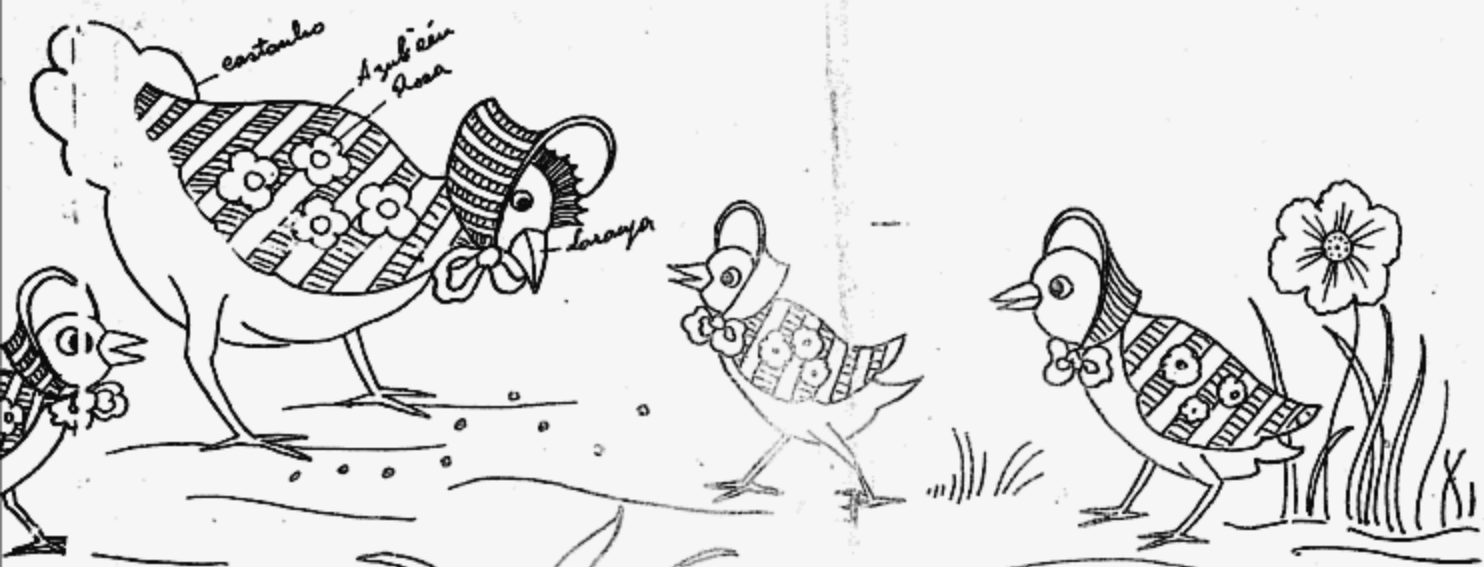
4 Interessante risco para avental de menina. O bordado executa-se em ponto de haste, com linha grossa de bordar, amarelo escuro, preto e vermelho.

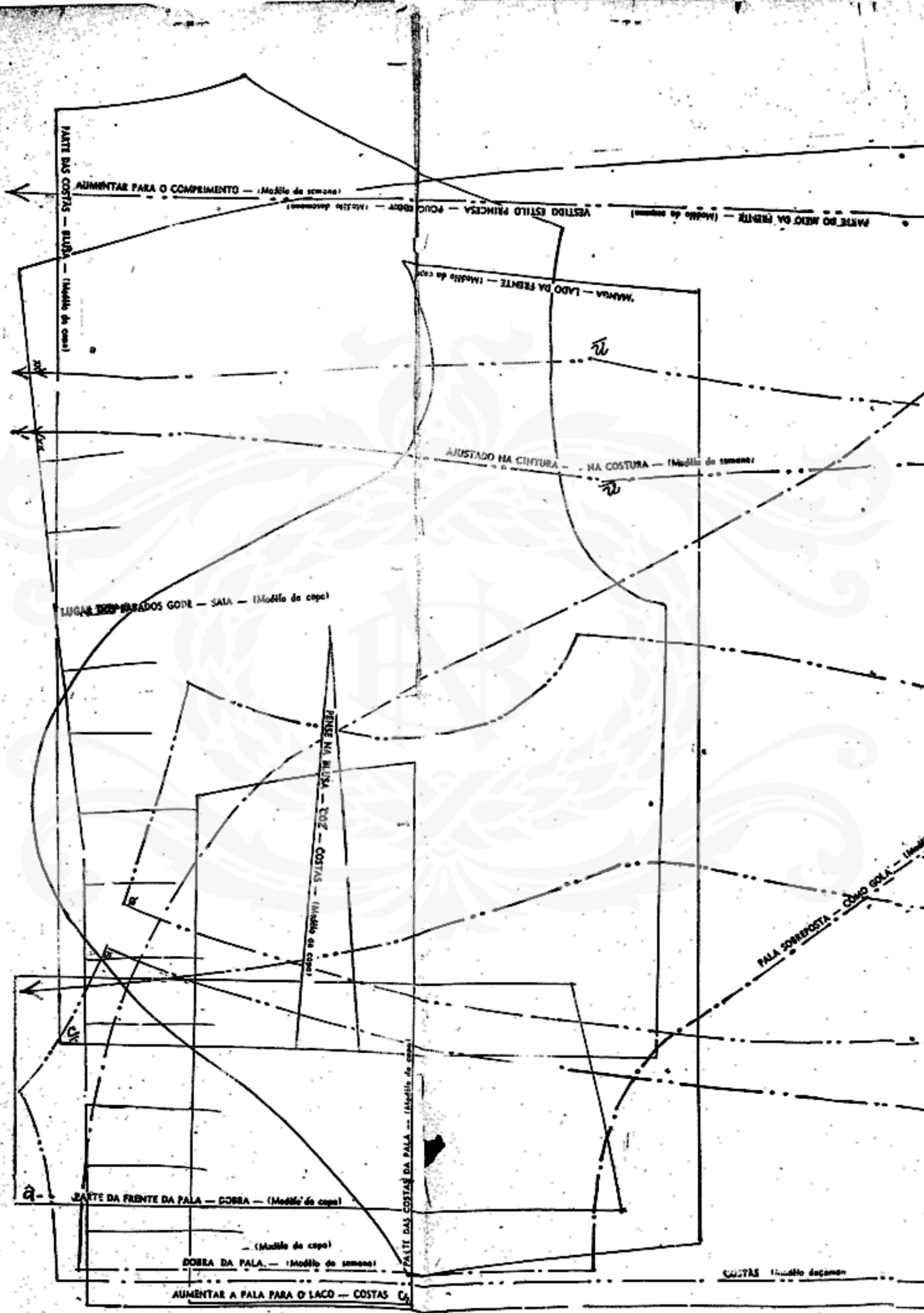
5-6-7-8 — Lindos motivos que podem ser adaptados em várias aplicações. Bordados em ponto artístico, com linhas matizadas, ou em ponto de haste.

9-10 — Original risco de toalha para mesa de crianças. O material a ser empregado é brim rosa pálido para o bordado; ponto de haste para os contornos. Ponto cheio, em cores, para as figuras. Nas duas páginas desta edição, nossas leitoras encontrarão os originais destes trabalhos.



GR = 16x





interessante modelo em duas bandejas, executado em seda. Bêso d fazenda lisa, enfeitada com brocados em volta do decote. Saiu em sa drez com babados iguando-se em ovental. Na suplemente damos o moldes pelo manequim 44 e a miniatura pelo método "Tectemod" que auxiliam a execução.

O prof. J. Dias Portugal dará quaisquer explicações, gratuitas, em
ocasiões "Toutemodo": sêdo 2, Rua do Ortigão 6 - 1º — Foz
22-6835 — Rua Barão de Drumond 18 ap. 4 e em Niterói: Rua José
Clemente 62 - sob.

PARTE DO LADO DA FRENTE

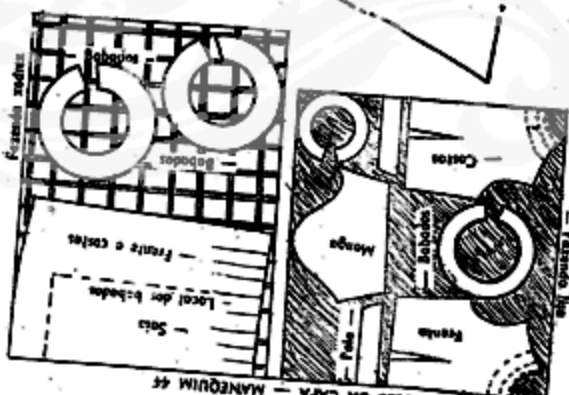
PARLA SODEROSTA

PENSE NA BLUSA -- COZ -- FRENTE -- (Modelo da capa)

PARTE DA FEMINITE — BLUSA — (Modelli da casa)

~~CONFIDENTIAL~~ - PHOTOCOPIED

CORTAS MODAS PARA OS BABADOS — **VIDE MINIATURA**
(Modelo em cores)



MODELO DA CAPA - MANEQUIM 45

AJUSTADO NA CINTURA - NA COSTURA - (Medida de semana)

EM TODAS AS FLEXAS — (Modelo da semana)

AUMENTAR PARA O COMPRIMENTO — (Modelo de semana)

FRENTE E COSTAS DA SAIA — FRANZIDA — (Medida da cop)



GR = 9x

FON-FON *Reiniis*

Direção de Hélène

Desenhos de ENAYDE



VESTIDO DE "SHANTUNG. BRANCO
TENDO NA FRENTE UM PANO ABO-
TOADO, TIPO AVENTAL, E ENFEITADO
COM BABADINHOS DO MESMO TECIDO.



VESTIDOS PARA



Vestidinho de crepon estampado, guarnecido com largos vizes de crepon no tom da estamparia. Saia en-viezada.

Vestido de jersey de seda "bois de rose". Finissimo vize duplo do mes-mo jersey contorna o decote, termi-nando em laços e marca os recortes do corpo e saia. Saia franzida na frente.

Gracioso modelo para execução em linho e seda branco, de mangas ja-ponesas. Abinhas abotoadas, á gui-lha de bolsos, com pespontos marca-do pestanas.

SUAS FERIAS



Bonito modelo de tecido quadriculado de marron em fundo creme, sobre o qual é usada uma elegantíssima jaqueta, sem mangas, de tecido misto de lã e algodão vermelho, abotoada na frente e com a gola de fusão engomado.

Vestidinho de linho azul-pastel, de corpo longo e cintado e saia franzida na frente. Dois largos vizes marcam a pala e a junção do corpo com a saia, terminando em laço.

Vestido de crepon amarelo-claro. Mangas e abas franzidas.

Handwritten signature



Por que?

POR QUE EXAMINA com tanta atenção o tecido da meia? Porque sabe que a perna, bem calçada, é um encanto, uma sedução. Cupido é uma criança amorosa, tanto vale dizer que tem seus caprichos: gosta de ver-se envolvido em véus de malhas finas, de doces transparências de bruma, em malhas de amor e nuances de mistério... Véus, transparências, malhas e tons destas lindas meias.

Inteiramente de seda!

Meias

ÊXTASE • ILUSÃO • DÉsir • FRÉNÉSIE

GARANTIDAS PELO SÉLO



Produtos da Indústria Brasileira de Meias S.A.

PANAM — Casa de Amigos



Belíssimo vestido de noiva, tipo "deux-pièces" de setim branco. Sala "godet". Jaqueta bordada a fio de prata.

Modelo para noiva, de seda branca com meio brilho. Frente bem franzida formando drapeados.

Vistoso modelo para menina até 12 anos, de tafetá branco, rosa ou azul-pastel. Tiras com finas "nervuras" trabalhadas a mão, embutidas na barra da saia e no corpo. Contornando as tiras, estreita renda valenciana. Golinha e "rouloutés" de setim no tom do tafetá.

Vestidos leves



Bonito modelo para confecção em seda azul-marinho com "pois" brancos. Abas franzidas na altura das cadeiras guarnecidas com "sinhaninha". A mesma guarnição nas mangas e gravata.

Vestido de seda branca. Saia franzida na frente. Estreito babadinho guarnece os bolsos e a pala.

Modelo de seda azul-claro. Recorte na frente da saia prendendo franzido. Laços de fila de gurgurão de seda branco.



Gracioso vestido de seda amarelo-cana-
rio, enfeitado com "rouloutés" e babadi-
nhos da mesma seda.

Modelo tipo "deux-pièces" de seda de
tom claro, inteiramente abotoado na
frente. Originais mangas.

Intressante modelo para execução em
crepon estampado. Farta "ruche" mar-
cando pala e presa por um "roulouté"
que termina em laços nos cantos do de-
cote.

Modelos Juvenis

VESTIDINHO DE FUSTÃO BRANCO BORDADO A FIO DE VARIAS CORES E
ENFEITADO COM "SINHANINHA".
OUTRO GRACIOSO MODELO PARA EXECUÇÃO EM CREPON DE TOM ALE-
GRE COM PEQUENAS PASTILHAS BORDADAS A BRANCO E GUARNE-
CIDO COM A SINHANINHA BRANCA.
VESTIDINHO DE CREPON LISO E LISTADO, NUMA BELA COMBINAÇÃO.



O QUE A "FOX" NOS PROMETE

— Carmen Miranda vem aí em *Serenata Boemia*.

— *Buffalo Bill*, grandioso filme com Joel McCrea, Maureen O'Hara e Linda Darnell.

— Lynn Bari, aparecerá em "Tampico", tendo renovado seu contrato com a "Fox".

— *Wing and prayer* está há muito tempo em Nova York, com Don Ameche, Dana Andrews, etc.

— John Shepperd, serve no exército americano e trabalha nos estúdios da "Fox", onde fez há pouco "Os Amores de Edgar Allan Poe," o famoso poeta de "O Corvo".

Qual é o seu Problema DE BELEZA?



Espinhas
Cravos
Manchas
Sardas
Cutis cansada
Rugas

Tudo isso se corrige com "Cêra Mercolizada" (Mercolized Wax), que vale por um tratamento de beleza. Cêra Mercolizada faz surgir a nova cutis que existe sob a sua pele atual. Faça uma experiência ainda hoje.

STALLAX - Shampoo de luxo - deixa o cabelo perfeitamente limpo e livra o couro cabeludo de caspa. Você notará quanto formoso, ondulado e sedoso ficará o cabelo depois da lavagem com **STALLAX**.

Cêra Mercolizada
CONSERVA SUA CUTIS

Bella e Fresca

Modelo da SEMANA

ELEGANTE modelo em veludo ou crepe preto. Vestido inteiro, em estilo princesa, com pouca roda, ajustado à cintura, nas costuras. Pala sobreposta, formando gola, com pontas para amarrar. Vestido apresentado por MARIA MONTEZ, da Universal. Moldes no suplemento, em manequim 42.



**PAULETTE GODDARD E
SONNY TUFTS**

pecialmente para determinado astro ou estrela mas não é assim na realidade. Conforme os artistas que deverão interpretar os principais papéis, tais originais são depois adaptados, de forma que os personagens se ajustem a personalidade artística de cada um dos interpretes.

Entre os raros argumentos, escritos "sob encomenda", encontra-se "I Love a Soldier", escrito especialmente por Mark Sandrich para ser interpretado por Paulette Goddard e Sonny Tufts, película que muito breve será apresentada pela Paramount. Sandrich chegou á conclusão de que deveria assim proceder, duas semanas depois dessa dupla começar a trabalhar na película "Legião Branca", (So Proudly We Hail). Prevendo que os dois artistas, trabalhando juntos, causariam sensação e um formidável êxito de bilheteria, Sandrich não perdeu tempo e se preparou para estar a altura dos acontecimentos e juntamente com o escritor e Allan Scott, começou a idealizar um filme, cujos protagonistas fossem Goddard e Tufts. Por esta razão, os personagens, as situações em que se encontram, os diálogos, tudo enfim, foi escrito levando-se em conta exclusivamente a personalidade artística desses dois astros.

Isto acontece poucas vezes na terra do cinema, embora não seja tão raro no teatro, onde as estrelas do palco, frequentemente, encomendam a escritores teatrais, peças especialmente para elas interpretarem, de acordo, portanto, com seus talentos artísticos. Em Hollywood, quando um estúdio compra um original para filmar, é quasi certo que dele sairá uma boa película depois de feitas as adaptações necessarias afim de ser interpretado por determinado artso ou estrela ou por vários deles ou ainda, depois de organizado o "script", por uma ou varias duplas com pouca ou nenhuma modificação.

Sem duvida alguma, quem escreve para a tela procura escrever o "script" de modo que qualquer artista possa interpretar os personagens, bem como tenta escrever o enredo de forma a qualquer estúdio poder adquiri-lo para os talentos de seus atores e atrizes. Essa politica torna a venda mais fácil.

Há ocasiões, contudo, que um escritor é convidado por um estúdio para escrever para determinado artista. Por exemplo, as comédias "Road to" (Caminho de...) sendo a mais recente, "Road to Utopia", são sempre escritas especialmente para Bing Cros-

by, Bob Hopa e Dorothy Lamour, embora as duas primeiras, a despeito de seus talentos pessoais, pudessem ser interpretadas por outros artistas.



Os cariocas tiveram oportunidade de ver, faz poucos dias, mais um belo filme argentino. — **La Guerra Gaucha.**

A opinião geral consagrou o filme como digno dos maiores aplausos, não somente pela segurança da direção de Lucas Demare, como pela interpretação de todo o elenco, bastante numeroso como é natural em filmes dessa natureza e magnitude.

"A Guerra Gaucha" coloca a indústria do filme argentino de longa metragem no primeiro plano de meritos cinematográficos, em franca e leal concorrência com Hollywood, cuja escola de puerilidades vai provocando sua decadência a largos passos.

Nesse filme argentino podemos ver como interpretam esses dois centros de produção, diferentemente o sentido artístico da arte cinematográfica. Se "A Guerra Gaucha" fosse rodado nos estúdios de Los Angeles, o argumento decairia deploravelmente para as cenas de amores vulgares, e a convalescença do tenente Villareal (Angel Magaña) desambaria para os diálogos pueris, cheios daquela pieguice tão americana dos filmes de Hollywood, infelizmente tão caricaturalmente imitados nos filmes brasileiros.

Em "A Guerra Gaucha", o drama se eleva em sentido épico, conservando sua magnitude do começo ao fim, embora haja amores e algumas seqüências de desafogo humorístico a cargo daquele velho revolucionário que derrubava os soldados reais com o zunir de

seu papel principal, encarando a figura daquele ardiloso velho sacristão a serviço dos revolucionários, está ao nível do menino que servia de ligação entre o povoado, as fazendas e o acampamento dos rebeldes.

Três lindas mulheres constituem o "sex-appeal" do filme; porém não há cenas de pleguices amorosas, nem licenciosidades sensuais, tão do gosto do filme norte-americano.

A Argentina pode orgulhar-se da sensacional evolução de sua indústria fílmica, a qual substituirá, com grande vantagem para os povos sulamericanos, o mercado de cintas de Hollywood, condenadas à morte se não houver modificação na escola convencionalíssima que as caracterizam.

Alem do mais, é tão grande a semelhança de linguagem entre o Brasil e a Argentina, que os seus filmes podem perfeitamente dispensar a super-posição de legendas em português. É verdade que o argentino encontraria dificuldades de compreender-nos, se fossem para lá as nossas películas; mas, ao que nos toca, temos a maior facilidade de compreender sua lingua, não havendo nenhuma necessidade de dublagem ou letreiros.

CINEMA ARGENTINO

"A Guerra Gaucha"

Renato de Alencar

terríveis e certeiras boleadeiras.

O que impressiona na realização magistral de "A Guerra Gaucha" é o nível de firmeza de todos os artistas, quer desempenhem grandes papéis, quer façam pontinhas. Enrique Muñoz, por exemplo, apesar do



LARAINÉ DAY e GARY COOPER, ela no papel de uma enfermeira americana e ele no de médico, começaram a amar-se quando ambos, lado a lado, faziam pesquisas para debelar as doenças que grassavam nas regiões remotas da China de antes da guerra. Esta história é contada no filme da Paramount "Pelo Vale Das Sombras" (The Story of Dr. Wassel).

"Que terei feito para perder
o Amor de Meu Marido?"



O destino inexorável das "jovens espôsas... envelhecidas"

A mulher acha-se exposta a pequenos males que, desprezados, se agravam, resultando em frieza e indisposição para os prazeres da vida, tornando-a, enfim, "uma jovem espôsa... envelhecida". Reaja! Consulte seu médico: mostrar-lhe-á a necessidade de fazer, todos os dias, a higiene íntima com Lysoform. Tem efeito descongestionante, resolutivo e preservativo, extermina germes e parasitas, reduz o excesso de secreções, elimina pruridos e irritações, preserva de contágios e infecções, lava, limpa e desodoriza inteiramente, fazendo a higiene feminina completa. Não é tóxico, cáustico ou irritante, não mancha, nem descora a pele ou a roupa. Evite ser uma "jovem espôsa... envelhecida". É bastante fazer de Lysoform, o fiel protetor de sua saúde, beleza e mocidade.



LABORATÓRIOS LYSOFORM S. A.
S. Paulo — Rua Taquari, 1338
Rio — Rua do Lavradio, 70-A

ANTISSÉPTICO E DESODORANTE
AROMATIZADO

LYSOFORM

— Empregado pelos Ginecologistas da
América e da Europa

O PERDÃO

De ROBERTO MOURA TORRES.

ELE vinha cambaleando. Resmungava, e parava, tentando equilibrar o corpo. Apoiando-se nas paredes imundas, chegou a um beco, e subiu uns degraus de madeira, carcomidos pelo tempo. Uma mulher, ao vê-lo, fechou a porta e dirigiu-se para uma imagem de Jesus, balbuciando:

— Deus meu! Ajude-me, por piedade!

Ele empurrou a porta, com violência, e parou no umbral.

Ela estava parada no meio do quarto e procurava esconder uma pobre criancinha.

Ele contemplou a cena, e, sorrindo, escarneceu.

— Não vens abraçar teu marido?

E foi avançando para ela. Sua mão descreveu um pequeno círculo e estalou nas faces da infeliz.

Nem um gemido saiu daqueles lábios descorados. Todos os dias era a mesma coisa. Ele batia-lhe apenas de seus lábios saía uma curta oração, feita em soluços.

Não tendo saciado seus instintos brutais, ele, segurando o pedaço de cinto, começou a dar golpes sobre golpes, até vê-la desfalecida. Depois, ofegante pelo esforço, exclamou:

— Chega? Estás satisfeita? Julgavas que casar comigo era viver em mar de rosas?

E o monstro sorria cruelmente, enquanto ela murmurava:

— Que fiz eu, meu Deus, para sofrer tanto assim?

Um pontapé vibrou nas costas da infeliz mulher, enquanto o bruto gritava:

— Que Deus, coisa nenhuma! Traga já minha comida, antes que eu perca a paciência, novamente.

E o malvado já se aprontava para recomeçar a cena.

Ela, silenciosa, apertando contra o peito a criancinha, olhava firme para o tirano. Desde que começara a beber, ele a maltratava. Seu dinheiro desaparecia nas cantinas, aonde as más companhias o levavam.

E ela precisava mendigar a caridade dos vizinhos para poder dar um pouco de leite à filhinha. Em suas orações, pedia a Deus que a tirasse do mundo, ou que o convertesse num homem bom. Sentia-se no fim da vida, mas precisava lutar pelo futuro de sua filhinha.

Passaram-se os dias e, afinal, chegou o tão esperado e comentado IV Congresso Eucarístico. São Paulo regorgitava. Por todos os lados, viam-se bandeiras enfeitando as ruas e as fachadas dos edifícios.

Ela, católica ao extremo, não quis deixar de oferecer suas preces.

Sabia que, se salsse, ele a maltrataria ainda mais; mas preferiu correr o risco.

A tardinha, dirigiu-se ao Vale do Anhangabaú.

Quando escureceu, ele chegou. Não estava muito embriagado, pois o dinheiro se esgotara. Vinha furioso. Queria mais bebida, e ela havia de arranjar-lá. Abriu a porta com um murro e penetrou no aposento. Não encontrando a mulher, procurou-a como um lúco. Afinal, perguntando à vizinha, soube que ela fora esperar a procissão de N. S. Aparecida.

Todo despenteado, com as roupas em desalinho, ele foi procurá-la.

Remoia um plano de vingança, quando foi envolvido pela onda de criaturas que vinham acompanhando a imagem. Foi arrastado entre elas. Sentiu qualquer mão pousar em seu braço, e uma senhora ofereceu-lhe uma tocha com o distintivo do Congresso. Sem agradecer, ele aceitou e começou a caminhar lentamente. Chegando ao Anhangabaú, ficou deslum-

exclamações em reverência à santa, sentia um nó na garganta, e suas faces coravam de vergonha. Mais adiante, ouvia-se o canto sacro nas vozes das filhas de Maria.

Saiu dali acabrunhado consigo mesmo. Aquilo lhe trazia recordações penosas. Chegando ao seu bairro, passou pela igreja e, sem saber por que, sentiu-se arrastado para lá.

Enquanto avançava entre os bancos, ouvia o cântico que cantava a Ave-Maria. Sentiu uma coisa invadir todo o seu ser. Outra vez, sentiu o nó na garganta e teve vontade de chorar. Parecia que sua alma se aliviava de qualquer coisa que não sabia definir. Ouvia a voz do padre, que rezava, baixinho:

— Ave-Maria... cheia de graça...

Não podendo conter-se por mais tempo, deixou que as lágrimas rolassem livremente. Olhando para o altar, estremeceu.

Do alto da cruz, Jesus o olhava serenamente. E, em seu pensamento, o rosto de Jesus desapareceu, e ele viu sua esposa, ali na frente, crucificada por ele. Do seu peito saiu um soluço, e, inconscientemente, ele murmurou:

— Ave-Maria... cheia de graça...

Enquanto as palavras iam saindo, sentia que sua alma se aliviava, e que de novo voltava a ver o rosto de Jesus. E sentia-se como se estivesse contemplando a própria destruição causada pela sua crueldade. Estava cego, que Deus o perdoasse. Enxugou as lágrimas e saiu.

Vagou pelas ruas e, afinal, dirigiu-se para sua residência. Sentiu medo e remorsos. Tinha vergonha de enfrentá-la. Sentiu asco de si mesmo. Afinal, resolveu-se. Empurrou a porta devagarinho e parou. Contemplou a desordem feita por ele antes de sair.

Ela procurava adormecer a criança e, ao vê-lo, tentou cobri-la com o corpo. Depois ergueu-se para enfrentá-lo. Estava disposta a tudo. Suas faces estavam pálidas. Talvez ele já preparasse o castigo que ia infligir-lhe. Sentia que seu último alento chegara. A morte rondava-a de perto.

Mas que silêncio era aquele? Por que ele não avançava? Estaria saboreando a cena que preparara com antecipação?

Afinal ele avançou lentamente. Passo a passo acercou-se.

Ela tremeu, mas não saiu do lugar. Ele a segurou pelos ombros e seus olhares cruzaram-se. Duas lágrimas rolaram dos olhos dele, que, abaixando-se, ajoelhou-se aos pés da mulher. E uma palavra saiu entrecortada pelo soluço:

— Perdão!

Ela sorriu. Era um sorriso de santa. E, erguendo os olhos para a imagem de Cristo:

— Obrigada, Senhor. Sempre tive fé e orei por isto. Deus está em todos os lares, por mais humilde que seja. Ele nos ampara, nos consola, e nos dá forças para viver. Eu não tenho nada que te perdoar, porque nada me fizeste. Peço agora a Ele que te perdoe, como eu te perdoei.

E ela, ajoelhando-se a seu lado, rezou baixinho uma curta oração. Depois, passando os braços pelo seu pescoço, beijou-lhe os lábios e murmurou:

— Adeus... Fiz por ti o que ninguém faria.

Adeus... Espero-te num lugar melhor.

E seus braços desprenderam-se lentamente.

Estava morta. Os maus tratos e a fome consumiram-na.

Ele chamou pelo nome da esposa. Gritou desesperadamente. Mas tudo em vão. Deus a levava para onde ela pedira.

Hoje, numa casa de aspecto alegre, um velhinho e uma jovem vivem felizes. Estão sempre prontos a socorrer a todos que necessitam de auxílio. Ninguém pode reconhecer no velho bondoso aquele viciado que praticara tanta maldade.



**Na plenitude
da formosura...**

... a mulher dá mais poesia à sua silhueta, usando, como segunda epiderme — impecável na forma, excelente na qualidade, Lingerie Valisère: É a maravilha da arte e da indústria revestindo a Maravilha da Criação.

**Lingerie Vallière,
tecido indismalhável
de corte individual
rigoroso.**



Lingerie

Valisère

contacto que é uma carícia

Vitrina

"BRASILEIROS - PIONEIROS DO AR"

O êxito de "O Roteiro do Tocantins", publicado há cerca de um ano, seria bastante para garantir o sucesso magnífico desta nova obra de Lysias Rodrigues, uma das mais belas expressões culturais do Exército Brasileiro, a cuja Aviação vem prestando os melhores serviços, como uma das suas figuras mais representativas.

Inteligência esclarecida e culta, devotada ao serviço exclusivo do Brasil, a que consagra o melhor dos seus estudos, buscando conhecer a terra e o homem, para bem compreender-lhes as necessidades e os interesses, em "O Roteiro do Tocantins" Lysias Rodrigues demonstrou, evidenciou, plena e vigorosamente, suas grandes qualidades de observação e de escritor dotado de raros recursos intelectuais e culturais.

Agora oferece-nos ele um outro grande livro — "Brasileiros - Pioneiros do Ar" — uma série de biografias admiravelmente bem traçadas sobre os grandes vultos patrióticos que foram os vanguardeiros da aviação mundial: — Bartolomeu de Gusmão, Julio Cesar Ribeiro de Souza, Augusto Severo e Alberto Santos Dumont — o verdadeiro «Pae da Aviação», que Lysias Rodrigues aprecia como aerosteiro e aviador.

Obra de aviador, escrita com o carinho e o entusiasmo do aviador, "Brasileiros - Pioneiros do Ar" tem a firmá-la o nome de um escritor de mérito e de um patriota que sabe amar a sua terra e cultivar os seus grandes homens.

Com a minha simpatia, o meu sincero abraço a Lysias Rodrigues por mais esta vitória da sua bela e culta inteligência.

"O Roteiro do Tocantins", como "Brasileiros - Pioneiros do Ar" são edições da grande editora José Olympio.

©

Romances

L'AMOUR EST MON PECHÉ... Par L'Auteur de «Amitié Amoureuse» — Americ - Edit. — Rio.

ENTRE as grandes obras publicadas pela Americ-Edit. figura, sem favor, ao lado de "Le Lys Rouge", de Anatole France, de «Fantôme d'Orient», de Loti, de "Les Faux-Monnayeurs", de André Gide e de "Mort de Quelqu'un", de Jules Romains, — romance a que, breve, nos referiremos — esse magnífico volume que é "L'Amour est Mon Peché", do mesmo desconhecido autor dessa conhecida e admirável obra que é "Amitié Amoureuse".

A Americ-Edit. tem a dirigí-la a inteligência fina e delicada de um escritor de raça, que é Max Fischer. Daí o cuidado da seleção dos grandes livros da literatura francesa que constituem a excelente coleção de romances que ela nos tem apresentado.

«L'Amour Est Mon Peché» é bem um dos primoros da literatura francesa dos nossos dias.

Um encanto de romance, que se lê e relê, sempre com a mesma sensação de beleza. Porque é plena essa beleza.

VERÃO ARDENTE — Gwen Bristow — Livraria José Olympio — Editora — Rio.

"Verão Ardente" é o título de um lindo romance de Gwen Bristow, que a José Olympio acaba de incluir na sua excelente coleção "Fogos Cruzados". Remôto na ação que objetiva, fixando o meio, coisas, tipos, cenários da América do Norte num período de transição da sua história, «Verão Ardente» é um belo e sugestivo romance, bem traduzido para o nosso idioma por Lígia Junqueira Smith.

A FEIRA DE CROME — Aldous Huxley — Editora Vecchi — Rio.



Aldous Huxley

paradoxos e verdadeiros contrasensos fazem o encanto desse romance de Huxley, traduzido por Edson Carneiro e que traz uma bela capa em cores de Jan Zach

Novelas

NA sua conhecida "Coleção Amarela", a grande Livraria do Globo, de Porto Alegre, vem incluindo uma série de novelas policiais, movimentadas, vivas, impressionantes e literariamente bem feitas e apresentadas, como "A Morte no Nilo", da escritora de renome, que é Agatha Christie, e "O Caso do Gato Porteiro", de Erle Stanley Gardner.

São duas obras interessantíssimas, de leitura atraente, empolgante mesmo.

Contos

O VASO ETRUSCO E OUTRAS HISTÓRIAS — Prosper Merimée — Livraria Martins Editora — São Paulo.

A Livraria Martins Editora, de São Paulo, vem enriquecendo sempre com novas e interessantes obras sua já famosa Coleção Excelsior. A grande editora paulista sabe, aliás, selecionar cuidadosamente, os autores e os volumes que figuram nas suas várias e conhecidas coleções.

Agora mesmo apresenta-nos ela um lindo volume de contos de Prosper Merimée — «O Vaso Etrusco e outras histórias», um encanto de livro do grande escritor francês — um dos mestres admiráveis do conto delicado, fino, conciso, repleto da sugestiva graça da ironia gaulesa e literariamente perfeito. Porque Merimée foi mesmo um torturado da perfeição.

Boa a tradução de R. G. Ribeiro dos Santos e ótima a apresentação gráfica do volume.

Literatura Infantil

LER E BRINCAR — Editora A Noite — Rio

JURACI Silveira, a talentosa autora dessa interessante cartilha, que é "Ler e Brincar" é uma educadora à altura da sua alta e nobre missão. É-lhe familiar a psicologia infantil, que lhe inspirou a criação de «Ler e Brincar», obra vasada em compreensiva estrutura pedagógica, aprovada pela Comissão de Livros da Secretaria Geral de Educação e Cultura da Prefeitura do Distrito Federal, e que a Editora A Noite apresenta em magnífica edição, com sugestivas ilustrações de Giselda Z. de Melo.

Critica

POETAS DO BRASIL —
Jaime de Barros — Livraria
José Olympio - Editora —
Rio.

JAIME de Barros é uma das fisionomias mais acentuadamente marcantes e expressivas da nova geração de escritores brasileiros. Ensaísta de mérito, possuidor de um talento cultural que muito lhe recomenda a inteligência esclarecida, Jaime de Barros já firmou seu nome como um dos nossos críticos militantes de mais autêntico valor.

Sua ultima obra — "Poetas do Brasil" constitui a melhor afirmação dos seus altos recursos intelectuais. Poderá parecer aqui e ali deficiente esse volume de pouco mais de 200 páginas. É preciso, porém, ter em vista que o seu ilustre autor não teve em vista oferecer-nos um trabalho de vulto sobre o nosso movimento poético, estudando-o, de suas origens aos nossos dias, e sim traçar um esboço crítico da história da poesia brasileira, conseguindo, com rara felicidade, fixar com admirável agudeza de senso crítico as características principais da poesia de varios dos nossos grandes poetas, acompanhando, através deles, a evolução mesma da poesia nacional. É realmente, admirável o que Jaime de Barros consegue realizar nesse seu relativamente



Jaime de Barros

pequeno volume, tentando apenas esboçar, como o faz, um assunto já de si complexo e vasto. Sua orientação é segura, compreensiva, e o panorama literário que ele consegue fixar em "Poetas do Brasil" oferece-nos, com segurança, uma idéia antecipada do que ele poderá realizar em uma obra de maior vulto.

Um belo livro, bem pensado, bem estudado, vasado num estilo simples e encantador, como seguro nas observações e apreciações com que o autor articula e lhe objetiva o sentido criador.

Cultura

UMA FESTA BRASILEIRA — Ferdinand Denis —
Epasa — Rio.

JA nos referimos, com o melhor louvor, á feliz e oportuna iniciativa da Epasa ao criar sua Biblioteca Brasileira de Cultura, cuja finalidade é constituir uma coleção especial de estudos sobre assuntos nacionais, focalizando, nas suas várias seções, a terra, o homem e sua atividade.

Não menos feliz foi a escolha dos nomes a cujas luzes confiou a grande editora carioca a direção da "Biblioteca Brasileira de Cultura": Basílio de Magalhães, o notável erudito patricio e Candido Jucá (filho), escritor filólogo e educador de renome.

A "Viagem na América Meridional de La Condemine", "Villegagnon", de M. T. Alves Moreira, "Ultimos Estudos", de Mario Barreto, seguiu-se "Uma Festa Brasileira" de Ferdinand Denis, o culto escritor francês a quem devemos vários estudos sobre o Brasil e que tanto contribuiu para difundir o conhecimento da literatura portuguesa.



Ferdinand Denis

Educação e Ensino

100 TEXTOS ERRADOS E CORRIGIDOS — Hamilton Elia e Silvio Elia —
Editora H. Antunes — Rio.



Hamilton Elia

DOS conhecidos professores Hamilton Elia, do Instituto Universitário, e Silvio Elia, do Instituto de Educação, acabam de lançar nova edição melhorada do seu interessante e útil trabalho "100 Textos Errados e Corrigidos", cuja aceitação foi extraordinária, constituindo realmente



Silvio Elia

um excelente sucesso de livraria.

Esta 5.^a edição, graficamente bem apresentada, além das explicações claras e precisas a respeito dos numerosos textos apresentados, traz ainda uma introdução sobre a acentuação gráfica em vigor.

Variedades

HISTÓRIA DO ALGODÃO — D'Almeida Guerra Filho —
Editora "O Campo" Limitada — Rio.

D'ALMEIDA Guerra Filho é uma das muitas inteligências moças e sábias que veem preparando, formando o espírito batalhador, dinâmico e construtivo do Brasil que começa a forjar os alicerces do seu crescente engrandecimento numa exata compreensão dos seus vastos e complexos problemas econômicos.

Nota-se, de certo tempo a esta parte, maior interesse dos nossos moços pelos estudos de caráter social e econômico e por tudo que se relaciona com os mais vitais problemas nacionais.

"História do Algodão" é uma obra bem pensada, bem escrita, na qual seu talentoso e jovem autor sabe dizer, em linguagem simples e sugestiva, o que é o algodão e o que representa a sua produção na economia mundial.

Um pequeno volume que se lê com amor, com prazer e com crescente interesse.

Essa obra, que traz uma magnífica apresentação de Basílio de Magalhães, contém "Uma Festa Brasileira", "Fragmento de Uma Teologia Brasileira" e "Poemas Brasileiros", do padre Cristóvão Valente, em tipó-guaranil.



ULTIMA corrida do ano; tarde de adeus ao velho 1944 e às "fans" do Prado que sobem a serra fugindo ao calor. Ninguém faltou ao ponto de elegância máxima do Rio. Os bons votos, as "felizes entradas e boas saídas", tôdas as chapas, enfim, usadas nessa fase festiva, saíram à baila, sincera ou insinceramente. Dia da confraternização dos povos... que rótulo bonito! mas é de mau agouro porque só o usam no primeiro do ano, por isto talvez, nos outros 364 restantes — os que não são considerados de confraternização — os povos se devoram como bestas-feras...

Quanta despesa forçada! Quanto "changer" na quadrilha dos presentes que entram por um lado e saem pelo outro. Aconteceu uma boa a Sra. Florinha: ela tem o hábito de passar adiante as "festas" que ganha e numa dessas mudanças de dona, o embrulhinho foi para as mãos de uma moça que — também acostumada à mesma manobra — deu o leque à primeira dona que o dera à Sra. Florinha. A outra achou graça, e mais ainda porque uma das duas havia pespegado um selo vermelho no lugar do verde-amarelo, dando-lhe um ar estrangelado. Até agora a que o comprou ignora qual das duas contempladas quis valorizar o modesto leque nacional com direitos alfandegários e viagens de ultra-mar...

Assim, acabou para ela, humoristicamente, o ano velho.

No cantinho da arquibancada dos sócios, vimos a Dra. G. fazendo cálculos para o grande prêmio Firmino Pinto. Uma garota indiscreta, perguntou apontando-a: "quer um 'potin' inofensivo?"

— Se quero!

— Pois então tome nota: A Dra. foi, domingo, a certo "Bar" da Av. Atlântica e se sentou à mesa com conhecido jornalista oficial. Conversaram, conversaram, desde às 18 às 19 horas e um quarto. Mas o melhor é que ele — que é bom copo e não gosta de "perfumarias" — transigiu em beber durante mais de 60 minutos, apenas Guaraná... Olhe que por muito menos um homem recebia a espada de "cavalheiro" nos tempos em que se amarrava cachorro com linguça e ele não comia a amarra..."

...

Zélia Autran, a pianista recém-casada com Sergio Roberts, o ar-

tista chileno que o Brasil acolhe com muita simpatia, recebia felizes parabens das amigas que a encontravam.

...

Uma nuvem triste turvava o ambiente: é que a morte inesperada do Diretor de Corridas, Dr. Carlos de Lima Campos, abria um claro que a saudade do boníssimo companheiro dos que lutam pelo engrandecimento do Jockey começa a enccher com os seus goivos ramos...

Esta seção ligeira e fútil, abre um parentesis para reverenciar a memória dum amigo sincero do "Jockey", dum engenheiro útil à pátria e dum homem de grande coração.

ARTE

O encerramento da exposição de pintura da "protraitiste" Felicitas foi um acontecimento artístico-social. Com a concorrência de figuras de destaque da "haute gomme" carioca e de pintores e jornalistas, a Sra. Yolanda Monteiro organizou uma "hora de arte" que alcançou justo sucesso. Depois de passadas pelo cinema as vistas maravilhosas dos pontos mais lindos do Rio, fizeram-se ouvir várias declamadoras e decla-

madores que deleitaram os presentes com poesias escolhidas ditas com requintada finura. Percorrendo a galeria, vimos os lindos quadros da jovem pintora e constatamos, com prazer, que vários já estavam adquiridos. Felicitas teve diversas encomendas de retratos de pessoas do "set" e de meio litero-musical do Rio. Como estréia, não podia ser mais auspiciosa. Parabens!

RECITAL SERGIO ROBERTS

NUM recital de despedida, pois partirá breve para a Argentina e daí para outros países do continente, o artista chileno, que já se radicou entre nós, Sergio Roberts, se apresentou ao público exibindo sua arte toda pessoal e interessantíssima. Sergio dança poemas; interpreta com gestos e passos ritmados as poesias nativas de vários povos. E' o folclore sem palavras, na cadência da música, vivendo o pensamento do espelho de uma fisionomia expressiva e móvel. Os motivos bolivianos apreior pela elegante e escolhida assistência.

A Sra. Zélia Autran Roberts, esposa do artista, fez com maestria os acompanhamentos ao piano, concorrendo, assim, para o sucesso do recital.



1 Rei Carol da Rumania, no Jockey Clube, em companhia do Dr. João Borges, diretor daquela entidade esportiva e de outras personalidades de destaque em nossos meios sociais.



FAUSTIA

De MICHEL ZEVACO

Continuação
do número
anterior

Então, com o sangue frio que nasce das situações desesperadas, meditou na última cartada. Chegou à Devinière e saltou!... Com a espada fustigou o cavalo que, louco de dor, pulou e foi cair a quinhentos passos de distancia... Os perseguidores, soltando uma descarga, passaram como uma tromba.

Os primeiros que viram a manobra de Pardailan tentaram parar; houve um choque terrível; os que vinham atrás caíram sobre os que pararam: os cavalos misturaram-se, cinco ou seis caíram; dez ou mais cavaleiros faziam feridos no chão; urros, gritos, pragas, formavam um horrível clamor. Enfim, quando puderam reconhecer-se quando se estabeleceu a ordem, mais de cinco minutos haviam decorrido desde que Pardailan saltara e desaparecera, entrando na Devinière; justamente nessa hora, os fregueses, criados, "garçons" precipitavam-se para ver aquele ciclone; viram Pardailan subir e afastaram-se horrorizados. Aquele, com a espada na mão, com o gibão despedaçado, o rosto em sangue, tinha um aspecto tão pavoroso que os fez tremer.

O cavalleiro entrou, desfez-se da espada, e cambaleou um pouco; reagiu e vendo uma escudela cheia de vinho, esvasiou-a d'm trago. Fechou as portas e janelas e depois, com a tranquilidade que presidia a todas as suas ações, tratou de formar uma trincheira; entre uma janela e a porta da entrada havia um baú com vasilhame; Pardailan arrastou-o e, com grande esforço, colocou-o em frente à porta.

Passou para a cozinha, onde havia uma porta para a rua. Barricou-a com um armário... Então voltou à sala comum e, apanhando uma garrafa de vinho ao acaso, despejou-a em um copo, esvaziando-a.

— Boa idéia — resmungou — teve mestre Greçoire em colocar nas janelas, grades de ferro... Poupa-me um grande trabalho... Uf! Já não posso mais! Bom vinho!

— Meu Deus!... Que se passa? Quem sois? Que fazeis aqui?... Por que essas trincheiras?... — disse uma voz trêmula.

Sou eu, cara Huguette; descança!... — disse Pardailan, voltando-se e descobrindo Huguette, que descia do primeiro andar ao ouvir o ruído.

— Vós, senhor cavalleiro!... Senhor!... Como vos aconteceu isso?? Como éle se acha mal!...

Pardailan caiu sobre uma cadeira; o sangue que perdera, o cansaço dessa corrida infernal, através de Paris, o vinho que acabava de beber, todas essas cousas combinadas, prostraram-no enfim; Huguette correu e, sustendo a cabeça pálida do cavalleiro, contemplava-o com profunda expressão de ternura, onde havia a emoção de uma amante e a compaixão de uma mãe.

Então seus olhos encheram-se de lágrimas, e, docemente, com infinito cuidado, pousou seus lábios na fronte lívida do cavalleiro desmaiado. Foi o primeiro beijo da boa hoteleira. Tremeu até o fundo de seu ser e sem dúvida, bendisse a trágica situação que lhe permitia esse beijo dado em segredo... beijo roubado!

Lá fora o clamor se aproximava. O ruído, ou o beijo, despertara Pardailan. Um e outro talvez. Abriu os olhos e sorriu, soltando um longo suspiro.

— Mathieu! Lubin! — clamou Huguette — Joanna, Gillete, correi... Depressa! Vi-me o cardeal!... Oh! mas onde estão todos?

Com efeito a sala comum estava perfeitamente vazia. Pardailan pôs-se a rir.

— Deixei-os todos lá fora quando me entrincheirei!

— Mas por que essas trincheiras?

— Escutai, cara Huguette — disse o cavalleiro, pondo-se de pé.

Na rua continuava o rumor; os fidalgos de Guise preparavam o ataque e a multidão bramava de alegria. Bussy, Mainville, rodeados de uns vinte amigos, examinavam a entrada.

— E' preciso derrubar isso — disse Bussy.

— Um instante! — disse uma voz rouca e trêmula de raiva e de alegria.

Voltaram-se e viram Maurevert.

Conquanto os seus sentimentos estivessem no auge do paroxismo, não puderam deixar de estremer ao ver o ódio que brilhava naquele rosto. Maurevert, que podia passar por um belo fidalgo, estava medonho, naquele momento em que supunha ter Pardailan à sua disposição.

Cada um compreendeu que, pela violência do sentimento, Maurevert devia ser o chefe do grupo.

— Fala! — gritaram muitas vozes.

— Conheço o homem — disse Maurevert. — Se éle está dentro, tem meios para defender-se. A captura é muito importante.

E respirou fortemente, com indizível expressão de alegria feroz.

— E' preciso prevenir o duque — continuou.

— Eu me encarrego disso — disse um.

— Nós esperamos fazendo guarda — disse Mauververt.

Huguette e o cavalheiro não ouviram essas palavras; mas ouviam perfeitamente os gritos de morte. São contra vossa pessoa esses gritos?

— Contra quem haviam de ser? — respondeu Pardaillan.

— Meu Deus! Que fizestes?

— Eu? Nada! Impedi apenas que fizessem algo, pois o que queriam fazer era simplesmente hediondo.

— Não compreendo... Não importa. Sem dúvida entraste...

— Naquilo que não me dizia respeito — acabou Pardaillan. — Oh! meu digno pai, dormi tranquilo. Eis aqui a bela hoteleira que adotou a bela moral que usáveis.

— Ai! — replicou Huguette. — Que irá suceder-vos?

A palavra era sublime. Huguette não podia duvidar que o hotel fosse assaltado pela multidão furiosa. Pardaillan olhava-a enternecido.

— Sabej, querida Huguette, que na Devinière nunca me sucedeu mal...

— Escutai! Escutai! — exclamou Huguette.

Na rua o rumor era enorme; ruído de uma multidão que se afasta precipitadamente; ruído de móveis a cair com grande fracasso; roucas vociferações que vinham de uma janela no alto da casa.

Maurevert gritou:

— Eu bem sabia que Pardaillan tinha reunido aqui um exército de vagabundos.

— Ah! Temos defensores? — perguntou Pardaillan.

Ele correu para os andares superiores, guiado pelo rumor que lá vinha; chegou ao segundo andar e descobriu que as vociferações partiam do quarto onde dormira a noite anterior...

— Há pelo menos uns quinze homens aqui. Olá, camaradas! Não atireis tudo ao mesmo tempo! Organizemos uma defe...

Parow embasbacado pelo espetáculo imprevisto que se oferecia a seus olhos. No quarto já não havia móveis: cadeiras, poltronas, mesa, baú, cama, desmontados peça por peça, foram precipitados pela janela. Havia apenas um relógio, um desses relógios encerrados em uma caixa de madeira.

Ora, esse relógio parecia animado por uma vida sobrehumana e fantástica. Dansava, balançava-se, soltava gemidos sonoros e bruscos chamados com o seu mecanismo desmantelado. Pardaillan, que não se admirava de cousa alguma, ficou estupefato.

O relógio lutava contra um grande diabo tão alto quanto ele; um ser com duas pernas muito compridas, braços muito magros e desmesurados, com um pescoço que sustentava uma cabeça semelhante á de um pássaro.

Fôra esse homem que precipitara os móveis pela janela; era ele que empunhava o relógio e arrastava-o para a janela; que urrava bramia e vociferava com voz de baixo profundo:

— Ah! miseráveis! Como na Capela de Saint-Roch! Como na Abadia! Vinte contra um! Ah! pela janela! Todos pela janela!... Que luta! Tu também seguirás os outros!

O relógio, com um último esforço chegava ao parapeito da janela. O homem soltou uma gargalhada.

O relógio caiu no vácuo e despedaçou-se no solo.

Então o fantasma lutador, com os olhos devairados, o rosto coberto de suor, voltou-se, com ar satisfeito:

— Tudo em debandada!... O último morreu! Pardaillan reconheceu Croasse.

BELGODÈRE

BELGODÈRE, como vimos, dirigiu-se para a porta de Montmartre, afim de correr a abadia, encontrando aquela fechada por ordem do duque de Guise, pois ninguém podia sair de Paris.

Belgodère não fez objecção aos soldados que lhe gritavam que passasse ao largo. Afastou-se e, duzentos passos adiante, escalou a muralha, murmurando:

— A essa hora a filha de de Cláudio deve estar reduzida a cinzas.. Que dirá e que pensará ele? Chora. Desejava bem estar a seu lado para presenciar o seu desespero.

Imaginava Violeta suspensa sobre a fogueira e Cláudio morrendo de dor. Evocou a imagem da própria filha a quem vira nas chamas. Estremeceu.

— Flora morreu — suspirou. — E' melhor não pensar nisso. E' bastante pensar nos que vivem. Flora morreu, mas Violeta também deixou de existir. Resta-me Stella; e a ele que restará?

Debruçou-se sobre o fôssco, dizendo:

— Impossível! Se, por aqui descesse, não me salvaria, e quero viver, pois tenho uma filha! E quem sabe se Cláudio...

Empalideceu com a idéja de que Cláudio, sem dívida, procuraria vingar-se, tomando Stella para vítima. Desceu então precipitadamente, dirigindo-se para a porta.

— Deixem-me passar — disse ao chefe do corpo da guarda; — pagarei o que fôr necessário.

Esse homem, coberto de suor, arquejante, feroz, despertou suspeita ao sargento, que fez um sinal, e cinco ou seis guardas se precipitaram sobre Belgodère, arrastando-o para a rua. O boêmio correu até á porta vizinha, onde encontrou a mesma ordem.

— Que fazer então? — resmungou ele.

De repente, soltou um grito de alegria e se pôs novamente a correr.

— Como não tive há mais tempo esta idéja? Ela há de fazer-me sair.

Acabava de pensar em Fausta, que devia estar na praça da Greve, porque lá vira sua liteira. Quando chegou, já ela não estava lá e na praça só havia pessoas ocupadas em carregar os feridos, que transportavam em padiolas.

Belgodère não indagou o que se tinha passado. A festa terminara, eis tudo. Entrou na Cité, e pouco depois, batia na porta do palácio de Fausta, que chegara pouco antes. Ela recebeu Belgodère imediatamente. Por certo o boêmio não suspeitava as tempestades que se desencadeavam neste momento no espírito dessa mulher. Recebendo Belgodère, esperava ela naturalmente alguma informação.

— Que queres de mim? — perguntou ela, com alguma ansiedade.

— Um salvo-conduto para sair de Paris — disse o boêmio.

— Quereis então deixar-me?

— Não, senhora; hoje menos que sempre, porque, graças a vós, uma das minhas filhas está viva.

— Que dizels?

— A verdade... Já vos contei a minha história. Sabeis que minhas duas filhas Flora e Stella foram, depois da captura dos meus, confiadas a um cristão, que era o procurador Fourcaud!

Belgodère enxugou sua fronte lívida. Sob a calma de suas palavras havia uma formidável emoção.

Quanto a Fausta, se essa revelação a comoveu; se a fisíonomia transformada desse pai lhe causou outra cousa que não fosse curiosidade, não o deixou perceber. Seu rosto permaneceu impenetrável.

— Assim — continuou o boêmio, — a que foi perdida e queimada era Flora, a minha filha mais velha. A que salvastes é Stella. Segundo vossa ordem, a conduzi, deixando-a na abadia de Montmar-

tre. E as portas de Paris estão fechadas. Compreendeis que me é necessário um salvo-conduto!...

Estas últimas palavras, Belgodère as pronunciou em um tom rude.

— Compreendo — disse Fausta, tirando de um pequeno móvel um papel, que entregou ao boêmio, dizendo:

— Guarda isto preciosamente; este papel te permite em todo tempo passar livremente em qualquer parte, mesmo onde é proibido passar. Podes sair de Paris por qualquer porta. Vai... Hoje mesmo, à tarde, virás restituir-me este pergaminho.

Belgodère tomou o pergaminho que tinha a assinatura e o sinete de Guise. Saiu precipitadamente, sem mesmo pensar em agradecer a Fausta, que, ficando só, traçou rapidamente em uma folha de papel algumas palavras; e, chamando alguém, disse:

— Um cavaleiro para a abadia. Quero enviar uma ordem à senhora de Beauvilliers. É necessário que chegue antes da pessoa que daqui acaba de sair.

Belgodère retomara o caminho da porta de Montmartre. Quando lá chegou, o guarda ainda era o mesmo sargento, que logo reconheceu o boêmio. Preparava-se dessa vez para prendê-lo, quando Belgodère exibiu o papel que Fausta lhe havia dado.

O sargento, ao lançar o primeiro golpe de vista, levantou os olhos para Belgodère e inclinou-se, estupefato.

— É' pelo menos um príncipe incógnito — pensou ele.

E disse, em voz alta:

— Senhor, dignai-vos perdoar o modo pelo qual vos recebi há pouco. A ordem era rigorosa...

Belgodère olhou em volta, com espanto. Por isso lhe foi constatar que "monsieur" era ele próprio.

— Abre! — limitou-se a dizer, em tom breve, endireitando-se.

— Imediatamente! — disse o sargento, convencido, por esse tom e essa atitude, de que estava tratando com um grande personagem.

E juntou::

— Não custará muito; a ponte levadiça foi descida para alguém e ainda não houve tempo de ser levantada.

Belgodère não prestou atenção a essas palavras. Logo que a porta lhe foi aberta, precipitou-se, atravessou a ponte e dirigiu-se para a abadia. À medida que caminhava, ia ruminando:

— Como vou dizer-lhe a coisa? Ela se supõe Joana Fourcaud. Não importa. Chama-se Stella. É' minha filha. Acreditará? Ora! Há de crer... Seria curioso que não conseguisse convencê-la de que sou seu pai!

— Tais eram os pensamentos do boêmio, o que prova mais uma vez que, nos entes mais perversos na aparência, a natureza deixou sua indelével marca.

Stella há-de crer-me, certamente! — continuou Belgodère. — E depois que faremos?... Partiremos. Cláudio desesperado, agoniza em algum lugar, salvo se morreu... Se tal não aconteceu ainda, ele pouco ou nada valerá. Causa alguma me prende a Paris. Então é bem simples: levarei comigo minha filha, minha Stelinha.

Belgodère ria neversamente, resmungando essas coisas, e tinha uma fisionomia pavorosa.

Chegou à abadia e achou mais prático passar pela brecha. Depois parou muito pálido. Esse tratamento tremia só com a idéia de rever sua filha.

— Descansemos um pouco — murmurou ele, como para desculpar-se de sua fraqueza. — Se lhe aparecesse assim transtornado, seria capaz de amedrontá-la. Amedrontar Stella, eu!

Pôs-se enfim a caminho para o cercado e, quando só faltavam cem passos para chegar lá, viu que a porta de madeira estava aberta.

Franziu os sobrolhos, mas imediatamente pensou:

— Seria eu quem a deixou aberta essa noite?

Pôs-se a correr e, quando chegou ao cercado, um suor frio molhava-lhe os cabelos: não só a porta da palissada estava aberta, mas também a do pavilhão.

— Que queria isso dizer?

Com um salto chegou ao apartamento, e então um rugido se desprende de seu peito: uma terceira porta estava aberta e era a do quarto em que ele havia encerrado Joana Fourcaud..., sua filha!...

— Stella! — urrou, esquecendo mesmo que, se ela ali se achasse, não poderia atender a esse nome, que não conhecia.

Belgodère arremessou-se ao chão do aposento que havia servido de prisão a Violeta e depois a Stella. Estava vazio...

— Stella! Stella! — bramiu. — Sou eu! É' teu pai! Não tenhas medo! Onde estás?

Saiu correndo como um louco, chamando, soluçando e confundindo seus ternos lamentos com pragas horribéis. Quando se convenceu de que Stella não estava no pavilhão, nem no cercado, correu para o convento, e, subindo a escada, atropelou um homem que descia. Bateu violentamente na porta da abadia.

— Stella! Onde está Stella? — perguntou logo que se achou na presença da senhora de Beauvilliers.

— Stella? — disse Claudina, admirada.

— Refiro-me à prisioneira. Vejamos; onde está ela?

— Não a conduziste à Bastilha?

— Não falo de Violeta, e sim da que eu trouxe.

— Ah! Então trouxeste uma outra prisioneira?

Belgodère puxou os cabelos com as mãos. Lembrou-se agora de que não havia prevenido a ninguém.

Com palavras entrecortadas fez a narração do que se passara durante a noite e como antes de conduzir Violeta à Bastilha levava Joana Fourcaud.

— Dizias que ela se chamava Stella? — observou Claudina de Beauvilliers. Se a princesa pedir contas dessa nova prisioneira, és o único responsável. Compreendo a tua emoção...

— Ah! nada sabeis; nada podeis saber...

Belgodère desatou a soluçar.

— Ela terá achado meio de abrir as portas — replicou a abadessa, conseguindo escapar.

Belgodère já não escutava. Sacudindo a cabeça e precipitando-se para fora, voltou ao cercado. Lá se sentou sobre uma pedra, apolando a cabeça nas mãos.

Então começaram a repassar em seu espírito pensamentos angustiosos e desesperados, que se misturavam com pragas e imprecções.

— Foi muito bonito. Não era para admirar... Pode lá um homem como eu ser feito para ser feliz e ter doces pensamentos! Possuir uma filha e tê-la sempre em sua companhia! Era um sonho muito belo para um boêmio! Mortes, golpes de punhal, pensamentos tortuosos e fúnebres, sim, eis para que fui feito!

Uma tão grande explosão de sentimento não podia durar muito tempo em um tal coração. Como Belgodère o dissera, em sua vida se tinham desenrolado muitos pensamentos de morte e vingança. Esse desespero sincero e cruel durou duas horas, no fim das quais o boêmio começou a coordenar suas idéias.

Pensou então na facilidade com que chegara à abadia. Não era de esperar que tivesse sido tão depressa e tão bem recebido. Porque a abadessa lhe havia falado com uma doçura e uma polidez a que ele não estava acostumado.

Foi então estudar de perto a porta do aposento em que Stella estivera encerrada. A fechadura estava intacta, não fora quebrada nem forçada. E, afinal, por que Stella ou Joana Fourcaud teria a

idéia de fugir, quando ele Belgodère, lhe havia dito que ia levá-la para onde estava sua irmã Magdalena? Pelo lado exterior da porta havia um ferrolho.

A conclusão era muito clara: Stella não se evadira; tinham-lhe aberto a porta.

Mas quem?... Quem poderia ter interesse em pô-la em liberdade? E quem sabe lá se o fizeram? Pouco a pouco começaram a surgir suspeitas no espírito do boêmio.

E se Stella estivesse encerrada na abadia? Fausta!... Fausta e os cavalheiros que lhe haviam servido de escolta!...

Belgodère lembrou-se do homem que encontrara havia pouco na escada. Quando reuniu em seu espírito todas as circunstâncias; quando ruminou o pró e o contra da questão, Belgodère deixou a abadia e desceu lentamente as encostas de Montmartre. Sua rude fisionomia, nesse momento, parecia calma. Somente seus lábios estavam brancos, seus olhos raiados de vermelho; e algumas vezes um estremecimento nervoso sacudia-o todo. Pensava:

— Fausta sabia que eu ia a abadia buscar minha filha e expediu um cavaleiro, que me tomou a dianteira e a levou consigo. Bem, muito bem. Que querera ela? Não sei, porém, se suspeitas que penso tal coisa, mandará matar Stella. Não a deixarei mais; preciso saber o que fez da minha filha... E quando souber...

Um gesto ameaçador completou o pensamento do boêmio. À tarde, quando, julgando-se muito calmo para dominar sua emoção, apareceu a Fausta, esta foi a primeira a perguntar:

- Onde está a minha prisioneira?
- Quereis dizer minha filha, não?
- Sim..., vossa filha. Não a trouxestes?
- Desapareceu — disse friamente Belgodère.
- Vossa filha desapareceu e não estais como vido?

— Mas também vós — disse audaciosamente Belgodère — não parecia admirada da desapareição de vossa prisioneira.

Fausta não pareceu nada escandalizada nem mesmo surpreendida com a resposta do boêmio. Via-se que sabia tomar com cada um a atitude conveniente. Tinha habituado Belgodère a uma franqueza brutal, mas útil a seus projetos. Limitou-se simplesmente a dizer:

— Essa a quem chamais vossa filha, não sei bem porque; essa que, a meu ver, é filha do procurador Fourcaud; essa Joana, enfim, não era uma prisioneira. Tíhamos interesse em guardá-la algum tempo, afim de que ninguém soubesse da substituição que foi feita na Bastilha, eis tudo. Se ela se foi, boa viagem!

— Sim, é isto, boa viagem! — disse o boêmio.

— Havemos de encontrá-la; tranquilizai-vos. Podeis agora retirar-vos em paz, Belgodère, não antes de me haverdes restituído o salvo-conduto que vos confiei.

— Esse papel! — exclamou o boêmio, procurando vivamente. — Onde diabo está ele? Não o encontro...

— Então o perdestes?...

— Sim — disse Belgodère, olhando Fausta fixamente; — perdi-o, sem dúvida...

— Isso não tem importância, afinal. Ide, Belgodère e esperai minhas ordens. A menos que não quereis deixar o meu serviço, porque então vos enviarei ao meu tesoureiro. Falai... Não quereis continuar a servir-me?

— Só se me quizerdes despedir, pois do contrário prefiro ficar, por que me parece que o meu contrato com vossa ilustre senhoria ainda não terminou.

— E' também a minha opinião — disse Fausta, acompanhando com um sorriso sutil o boêmio, que se afastava depois de ter feito uma respeitosa saudação.

Belgodère rugiu consigo mesmo:

— Agora estou certo de que ela mandou raptar Stella. Pelo inferno, "signora mia", não só não terminei os meus negócios convosco, mas também posso bem dizer que ainda nem mesmo os comeci!...

CLÁUDIO

O príncipe Farnése, apoiado à janela da casa da praça da Grève, assistia, petrificado de horror e admiração, ao terrível espetáculo que tentámos descrever sem esperanças de poder fazê-lo em toda a sua monstruosidade.

Viu Cláudio que, depois de ter saltado, se levantava com um punhal na mão, e se precipitava sobre a multidão. Mas antes que esse conseguisse chegar ao estrado, o príncipe viu Pardailan tomar Violeta e arrebatá-la aos guardas. Depois, em inapreciável instante, em que tudo desapareceu em um vasto redomoínho, viu sua filha ao pé de Carlos de Angoulême; então teve lugar a terrível cavalcada que custou a vida a mais de vinte pessoas, e feriu duzentas outras.

O príncipe cardeal, com uma delirante agonia, seguiu as fases desse sonho vivo... Violeta estava salva!... Violeta desaparecera, levada por seus salvadores!

Esses salvadores, Farnése os reconheceu. Eram aqueles com os quais falara no velho pavilhão do convento de Montmartre, quando a sutil e perversa diplomacia de Fausta o havia colocado em presença da boêmia Saizuma, Leonor de Montaignes, aquela a quem ele supunha morta e a quem adorara outrora, lamentando-a com toda a sua paixão desvaída.

Quando Farnése viu que sua filha estava salva, soltou um rouco suspiro de alegria sobrehumana e pela primeira vez, depois de dezesseis anos de horríveis angústias, raiou em seu coração desalentado uma esperança. E essa alegria era o grito de um egoísmo espantoso.

Essa esperança, não a tivera pensando em Violeta e sim em Leonor! Sim, Farnése amava sua filha e a procurara ardentemente, sofrendo verdadeira tortura quando, tendo-a quasi encontrado, supuzera que Fausta mandara matá-la! Sim, nesse momento seu rancor contra aquela que se chamava "Santidade" tinha sido puro e sem mistura! Mas depois que vira Leonor, Farnése só pensava em sua filha como um meio de reconquistar a sua adorada Leonor; esta estava louca, e era por intermédio de Violeta que esperava restituír-lhe a razão. Leonor, restabelecendo-se, deveria odiá-lo e contava com sua filha para comover seu coração.

Então é preciso dizê-lo: Farnése, vendo Violeta salva, teve esse momento de alegria de um egoísmo terrível, que descrevemos, e rugiu:

— Agora posso encontrar-me novamente face a face com Leonor!

Imaginava-a como a vira no mosteiro, bela em sua loucura, de uma estranha beleza que o perturbava. Não era mais a jovem do palácio de Montaignes, adorável, chela de graça e confiança, e sim a mulher em todo o esplendor de sua formosura, preservada pela loucura e chegada a um ideal estado de perfeição... Oh! Tornar a vê-la agora! Levá-las consigo, ela e Violeta! Rasgar as vestes de cardeal, cuja púrpura lhe parecia feita de sangue! Partir para qualquer país longínquo, encontrar a felicidade e o amor!

Era esta a visão que o absorvia na ocasião em que Fausta descia do estrado, furiosa por uma nova derrota, mas conservando esse maravilhoso sangue-frio que não a abandonava nunca, e, aparentemente impassível, dando ordens rapidamente.

Uma dessas ordens tinha relação com a casa em que estava Farnése. Quanto á outra, veremos já a sua execução.

Quando o príncipe cardeal viu desaparecer o cavalo que levava Violeta e Carlos, saiu da janela, fechando-a maquinalmente.

Era preciso agir depressa, porque sem dúvida, Fausta procuraria apossar-se de Violeta. Então lamentou amargamente não ter morto essa mulher, quando ela estivera no pavilhão da abadia; poderia ter ordenado a Cláudio que mais uma vez fizesse uso de sua profissão de carrasco.

Pensando nessas cousas, Farnése desceu lentamente a escada.

O mesmo lacaio vestido de negro, que fizera entrar Belgodère, se apresentou para abrir-lhe a porta.

Farnése deu-lhe uma bolsa com dinheiro, dizendo-lhe:

— Se vierem procurar-me a mandado da soberana...

O servo fez o sinal-da-cruz.

— Dirás que saí, deixando Paris, indo para a Itália.

— Sim, monsenhor! — disse o lacaio, abrindo rapidamente uma porta que dava para um cubículo por ele habitado.

No mesmo instante, daí saíram quatro ou cinco homens, que se precipitaram sobre Farnése. Rapidamente, o desarmaram, e um dos agressores, apontando-lhe no peito a ponta de um punhal, disse, friamente:

— Monsenhor, temos ordem de levá-lo morto ou vivo; espero que nos poupareis desgosto de transportá-lo morto.

Farnése, lívido, levantou para o céu um olhar de suprema censura, e murmurou:

— Conheço-te bem, Fausta!... Oh! Deus de bondade e de justiça, vê o que faz a tua enviada e julga-a!

Depois, dirigindo-se ao que acabara de falar-lhe:

— Conde — disse ele, — há cinco anos seguimos o mesmo caminho; sei que cumprirei rigorosamente as ordens que recebestes. Uma palavra só: Posso pedir-vos que me leveis o mais breve possível á presença da pessoa que mandou buscar-me?

— Senhor — disse o que fora chamado conde — vosso pedido será satisfeito, pois temos ordem de o conduzir já ao palácio da Cité. Previno-vos de que, durante o trajeto, um gesto, um grito, vos custará a vida.

— Não gritarei — disse Farnése, com essa calma que lhe era habitual! — Vamos, senhores! Quanto a ti — disse, voltando-se para o lacaio vestido de preto, — guarda minha bolsa: será o pagamento da tua traição.

O servo fez o sinal-da-cruz, inclinou-se e disse:

— Deus ordena... Eu obedeco!

Puseram-se então a caminho; o cardeal ia no meio dos cinco homens, que tinham ares de gentis-homens que regressavam tranquilamente para suas residências.

Sombrio e pensativo, o príncipe Farnése refletia sobre esse palácio da Cité, nesse antro formidável de onde, quem entrava nem sempre tinha a certeza de sair.

Vinte minutos mais tarde, o pequeno grupo entrava na casa de Fausta. Introduziram o cardeal em um compartimento mobiliado, cuja porta era de carvalho, chapeada de ferro. Havia só uma janela estreita que dava para o Sena, e essa era gradeada.

Farnése pediu que o conduzissem logo á presença de Fausta; sem responder-lhe, o homem fechou a porta e saiu.

O cardeal deixou-se cair em uma cadeira; um lívido sorriso crispou-lhe os lábios; e ele murmurou:

— Quem sabe se não será preferível que eu morra? Tenho sobre mim a maldição da Notre-Dame! Mas morrer sem me haver vingado dessa infernal Fausta! Cláudio, Cláudio, que fazes?

Que fazia Cláudio? Seguirá na mesma direção que tomara Carlos, levando Violeta.

Fausta vira-o passar, sem dúvida, e, adivinhando o que ia ele fazer, deu algumas ordens a um homem que estava a seu lado, saindo este a correr atrás de Cláudio.

O carrasco, vendo que o duque entrava na rua Barrés, seguiu-o; Carlos supunha-se perseguido.

Parou, enfim, em seu palácio, o de Maria Touchet, apeou-se, e, tomando Violeta nos braços, bateu á porta com tanta impaciência, que os criados acudiram assustados.

Cláudio chegava justamente na ocasião em que o duque entrava com Violeta; então, voltando á porta, Carlos apontou uma pistola ao peito de Cláudio, que não fez um movimento; a arma disparou, porém não atingiu o alvo.

Nesse momento o duque sentiu que alguém lhe prendia os braços, dizendo:

— Não o mateis, ele é meu pai.

Carlos, soltando um grito, deixou cair a arma e, dirigindo-se a Cláudio, disse:

— Não estais ferido?

— Não.

— Entrai. Perdoai. Julgava que nos estivesseis perseguindo. Sé soubesseis como eu a amo! Estava louco.

Depois de alguns instantes, Carlos e Violeta, reunidos nos braços de Cláudio, confundiam sorrisos e lágrimas.

O carrasco soluçava baixinho.

Foi para os três um minuto de verdadeira felicidade. Para Violeta era o êxtase de um belo sonho realizado, e para os dois era a admiração que se apodera das almas corajosas quando vêm passado um grande perigo. Conheciam-se havia poucos instantes e parecia-lhes que haviam sempre vivido juntos.

Cláudio murmurou ao ouvido de Violeta:

— E' este o senhor que fui procurar ao albergue da Esperança e que não encontrei?

— Sim, é ele — disse Violeta, comovida.

— Senhor, — disse então o jovem, — enquanto sorria a Violeta — nossa situação é bem simples: amo este anjo do qual tendes a felicidade de ser pai. E' preciso que vos diga quem sou. Chamo-me Carlos, duque de Angoulême. Minha mãe chama-se Maria Touchet e meu pai era Carlos IX.

— O filho do rei! — murmurou Violeta deslumbrada.

E na alma simples da pobre boêmia despontou um orgulho muito doce, semelhante ao da pequena Cendrillon, a quem uma fada benfazeja reserva para espôso algum príncipe encantador. Seu sonho fora radiante. Esse senhor a quem adorava em segredo, e que nesse momento estava a seu lado, era filho de um rei.

Nessa pacífica rua não chegavam os gritos de morte.

Naquela sala ricamente mobiliada, com suas antigas tapeçarias, reinava uma calma absoluta, como se a doce amante de Carlos IX tivesse ali deixado o seu amor profundo e tranquilo.

Com a cabeça apoiada no peito de Cláudio, com a mão na de Carlos, Violeta desejava morrer assim, nessa paz, nessa doçura e nesse amor.

Carlos, entretanto, replicou:

— Agora sabeis quem sou... Ficaria muito satisfeito neste momento, o mais feliz de minha vida, se soubesse quem é o pai daquela a quem amo.

Cláudio que contemplava Violeta, levantou lentamente a cabeça. Lágrimas de felicidade, que cor-

riam em suas faces, ficaram suspensas nas palpebras. O sorriso de infinita ventura transformou-se em uma amarga contração.

— Quem sou? — disse, com voz estrangulada. — Quereis saber quem sou?

Carlos olhou-o com admiração. Entrevera algum segredo horrível na atitude de Cláudio.

Senhor — balbuciou Carlos, — fui talvez indiscreto; desculpai-me.

— Não, não — disse o carrasco, suspirando — E' preciso que não ignoreis.

E, com um movimento instintivo, puxou a mão que Carlos tinha entra as suas. Essa mão, essa mão homicida, essa mão tinta de sangue, mão de carrasco, jamais alguém a tinha apertado! Diante desse movimento, Carlos estremeceu. Viu transformar-se o rosto do pai de Violeta.

— Se o vosso nome é um segredo — disse, com a simplicidade de um coração largamente generoso, — não o pronuncieis. Se o perguntai, era para poder dizer: "Meu pai, amo vossa filha". Abençoai nosso amor, enquanto um padre não abençoe nossa união".

Violeta empalideceu horrivelmente, pois compreendera. Toda a cena da confissão do carrasco repassava na sua imaginação. Quem havia de querer casar-se com a filha do carrasco?

— Pai! Oh! Meu bom pai Cláudio! — murmurou ela, horrorizada.

Era adorável essa exclamação em que reconhecia o carrasco como seu pai!

— Não! Não! — repetiu Cláudio. — Fizestes bem em perguntar-me quem sou. Senhor duque, não sou o pai dessa menina!

— Pai! Pai! — exclamou Violeta, com voz dolorosa, — Já me dissetes isso. Pois bem; aconteça o que acontecer, declaro que sois meu pai, e que nunca conheci outro!

— Ah! — bramiu o carrasco, com uma sublime expressão de alegria e orgulho — abençoado sejas, anjo de esperança e doçura, que te inclinaste sobre uma existência de condenado!

Enquanto Carlos se conservava estupefato, Cláudio tomou Violeta nos braços, e, apertando-a um momento de encontro ao peito, levou-a, soluçando, para a sala próxima, fazendo-a sentar-se em uma poltrona.

— Não te movas — disse ele; — nada temas; teu velho pai Cláudio arranjará tudo. Casarás com o filho do rei! Brevemente, serás a duquesa de Angoulême.

Voltou então para a sala onde deixara Carlos, fechando a porta.

— Estais admirado, não é verdade?

— Confesso que sim.

Cláudio pôs-se a andar de um lado para o outro, pensativo. Carlos considerava-o como uma espécie de horror.

— Senhor — disse Cláudio, parando de repente em frente a Carlos — como já o disse, não sou o pai de Violeta. Apenas a criei. Pouco importa que saibas quem sou. Dize simplesmente que me chamo mestre Cláudio e que sou burguês de Paris.

Parou arquejante; estudava com angústia a fisionomia de Carlos, esperando o que ele ia dizer.

— Há um segredo em vossa vida — disse Carlos.

— Violeta vol-o dirá! — disse Cláudio, com voz indistinta.

— Não o quero saber — protestou Carlos.

Cláudio suspirou aliviado.

— O que importa é que não sou o pai daquela a quem amais. Violeta é a filha do senhor de Farnése e da nobre Leonor de Montaignes.

— O homem que vi no pavilhão da abadia?

— Sim, é ele!...

— Ele disse que sua filha morreu...

— Porque o supunha!

— E quando poderei ver o príncipe Farnése?

— Sei onde encontrá-lo.

— Pois bem; fazei o possível para que o possa ver quanto antes.

Uma espécie de constrangimento reinava entre os dois homens. Esse segredo que Carlos não queria saber... Cláudio preferia morrer imediatamente a revelá-lo naquela ocasião.

— O príncipe Farnése — replicou Cláudio — é o único que pode decidir da sorte de Violeta. Eu não sou seu pai... Ela nada me deve... Nada sou para ela... Queria que ficásseis ciente desta verdade primordial...

— Eu o escuto — disse Carlos, surdamente.

— Bem — continuou Cláudio, empalidecendo; — desde que nada sou para Violeta e que ela nada é para mim, podeis partir quando estiverdes casados sem mesmo dizer-me para que ponto da terra vos dirigis.

Calou-se para respirar e passou a mão pela fronte.

— Visto isso, o melhor que tendes a fazer é dirigir-vos ao príncipe Farnése... o pai de Violeta.

E' essa a minha opinião — disse Carlos.

O antigo carrasco baixou a cabeça. Depois dessas palavras, nada mais tinha a fazer senão partir imediatamente á procura do príncipe Farnése. E conservou-se ali mergulhado em profunda meditação.

O jovem olhava-o com uma angústia crescente. Horríveis suspeitas o invadiam. De onde vinha esse gelo entre ele e esse homem a quem Violeta chamava pai? Não estavam ligados por um sentimento que, desde o primeiro olhar, devia fazê-los amigos para sempre? Fosse ou não o pai de Violeta, esse homem, era evidente, experimentava pela jovem o amor paternal levado aos últimos limites.

E por que Cláudio se conservava em uma posição equívoca? Quem era? Que mancha seu contacto lançava sobre Violeta? Qual a sombra projetada por essa criatura?... No momento em que Carlos fazia essas conjecturas, viu uma dor tão grande estampada naquela fisionomia, que suas suspeitas desapareceram por alguns momentos; e, arrastado por uma instintiva compaixão, exclamou:

— Não nos podemos separar assim! Senhor, em nome daquela a quem amamos, eu vos peço que me digais quem sois!...

O carrasco olhou tristemente para o duque.

— Já não vo-lo disse? — respondeu, com voz trêmula. — Sou um burguês de Paris e chamo-me Cláudio... Eis tudo!

— Não, não é tudo!... Esse segredo... quero sabê-lo...

— Esse segredo! — balbuciou Cláudio. — Já vos disse, senhor, que Violeta vo-lo revelará.

— Oh! — exclamou o jovem, — Então...

E encaminhou-se para a sala onde estava Violeta; mas o carrasco segurou-o pelo braço e disse:

— O príncipe Farnése..., o pai da menina, breve vos dará indicações sobre o nascimento daquela a quem amais... Essas explicações não me pertencem, porque não sou seu pai... Senhor, jurai não falar em mim ao príncipe Farnése!... E' preciso! — acrescentou, rudemente, vendo que o moço hesitava.

— Pois bem, seja! — disse então o duque. — Por minha fé de fidalgo, não pronunciarei nunca vosso nome diante do pai de Violeta.

— Bem. Jurai agora não interrogar Violeta sobre a minha pessoa. Que ela fale naturalmente sem ser provocada por vós. E' natural que ela revele o segredo de minha vida, mas jurai não atormentar essa criança procurando arrancar o segredo, se ela preferir guardá-lo.

SEARA ALEGRE



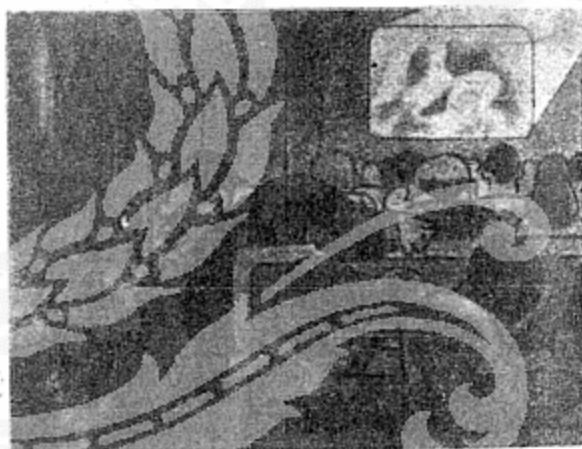
— Está chovendo a cantaros. Por que não fica para jantar conosco?
— Agradeço-lhes muito, mas a coisa não é tão grave assim, que me obrigue a isso...



— Não lhe dou uma surra, agora mesmo, porque sou um cavalheiro!
— E eu não o racho ao meio, neste instante, porque sou sócio da Sociedade Protetora de Animais...



— O quadro não está mal, mas falta-lhe vida...
— Por este preço? Lembre-se, senhor, como está cara a vida.



— Temo, senhor, que haja ocupado o meu lugar.
— Não tem nada que temer, amigo, a não ser que pretenda que eu me levante daqui...



— Veja como o Carlos beija sua mulherzinha, todos os dias, antes de ir para o trabalho. Por que não fazes o mesmo?
— De bom grado o faria, querida, mas... acho que o Carlos não haveria de gostar...



— Então, não tenho nada de grave?
— O senhor está forte como um carvalho...
— Sinto-o por meus sobrinhos. Que desgosto vão ter os coitados...

INIMIGOS DA HUMANIDADE

A "kultur" germanica acaba de obter um novo êxito. O dr. S. G. T. Bendien, eminente médico holandês, que chegara a realizar adiantadas experiências na cura do cancer, morreu na Holanda ocupada pelos nazistas.

Dizia-se que o dr. Bendien havia encontrado o remédio que devia operar a cura definitiva do cancer, mas os nazistas impediram que o mesmo ultrapassasse suas investigações. Graças a isso, teve de guardar em segredo o resultado de suas pesquisas, e, até que a "kultur" seja expulsa da Holanda, teremos que esperar pacientemente o fruto de trabalho tão importante. A humanidade deverá aos nazistas essa criminosa demora na divulgação de uma obra que, se for bem sucedida, aliviará um dos piores males existentes. De qualquer maneira, o fato serve para tornar mais conhecidos esses inimigos de tudo quanto existe.

PROMESSAS...

EM julho de 1943, o general Tojo que era então chefe do governo japonês, prometeu independência imediata para a Birmanian, Filipinas, e a participação do povo de Java no governo de sua ilha. Tais promessas caíram, porém, rapidamente no esquecimento, assim que a sorte começou a sorrir aos japoneses. Agora, entretanto, o Mikado está fazendo reviver suas promessas, precisamente após a desastrosa derrota naval em águas das Filipinas. Certamente, não estamos diante de uma simples casualidade. A sorte da guerra mudou radicalmente na zona do Pacífico, e essa a triste realidade, para os nipônicos.

MISSIONÁRIOS AUSTRALIANOS

QUANDO os japoneses invadiram as Índias Orientais Holandesas, reduziram ao cativeiro a maior parte dos sacerdotes encontrados naquelas regiões. Não obstante, se pensaram que com isso destruíram a religião, os nipônicos enganaram-se, como, aliás, em muitos outros de seus propósitos. Assim é que vários missionários australianos já se dispõem a retornar àquelas paragens, logo que as condições o permitam. A determinação cristã dos que permaneceram reconfortando os indonésios ganhará novo alento, à notícia de que sua obra não será interrompida.

(Do Serviço de Informações da Holanda).

O PERPÉTUO BAILADO

(A ODON CAVALCANTI)

Rapidamente os dias vão passando,
E os meses, a bailar, seguem sorrindo;
Um ano começou, mal o outro findo,
E o bailado prossegue suave e brando.

O seu ritmo é tão leve, o som tão lindo,
Que a gente, sem sentir, vai rodopiando,
E enquanto o sombo está n'alma florindo,
A vida esplende, aromas trespalando.

Ninguém repara a quanto tempo dança;
Mas, um dia, ao tentar um novo passo,
Surpreso, vê que o ritmo, ah, já o cansa.

Para um momento; e, estremecendo, enquanto
Vê a rota percorrida, com o olhar baço,
Indaga: — "Mas, Senhor, já vivi tanto?"

NISIA NOBREGA LEAL.



NAS ILHAS SALOMÃO, O TENENTE CURRY ENCABEÇOU UM CONTRA-ATAQUE DE INFANTARIA APOIADO POR TANQUES, QUE LIQUIDOU O DESTACAMENTO JAPONÊS ATACANTE. SO ELE FEZ TRÊS PRISIONEIRO!

UM HOMEM QUE VALE UM REGIMENTO. O TENENTE ROBERT W. CURRY DEFENDEU SÓZINHO UM FORTIM CERCADO CONTRA VIOLENTOS ATAQUES JAPONÊSES DURANTE 6 HORAS! AO MESMO TEMPO TELEFONAVA INFORMAÇÕES, MANDANDO MESMO QUE A ARTILHARIA FIZESSE FOGO CONTRA A SUA POSIÇÃO PARA MATAR OS JAPONÊSES QUE A CERCAVAM! OS SOLDADOS QUE SOCORRERAM O TENENTE CURRY ENCONTRARAM 50 JAPONÊSES MORTOS EM VOLTA DO FORTIM!

BURNLEY

Kolynos

Hum! Já estou
precisando!.....



*Para dentes mais alvos
e um sorriso mais alegre*

